

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS  
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA  
DO BRASIL (CPDOC)**

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser fiel à gravação, com indicação de fonte conforme abaixo.

COHN , Gabriel . Gabriel Cohn (depoimento, 2013). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (2h 39min).

Esta entrevista foi realizada na vigência do convênio entre CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO (CNPQ). É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

**Gabriel Cohn  
(depoimento, 2013)**

Rio de Janeiro

2019

### *Ficha Técnica*

**Tipo de entrevista:** Temática

**Entrevistador(es):** Antonio Firmino da Costa; Helena Maria Bousquet Bomeny; Maria das Dores Guerreiro;

**Técnico de gravação:** Ninna Carneiro; Thais Blank;

**Local:** São Paulo - SP - Brasil;

**Data:** 14/08/2013 a 14/08/2013

**Duração:** 2h 39min

Arquivo digital - áudio: 3; Arquivo digital - vídeo: 3; MiniDV: 3;

Entrevista realizada no contexto do projeto “Cientistas sociais de países de Língua Portuguesa: histórias de vida”, com financiamento do Programa de Cooperação em matéria de Ciências Sociais para os países da comunidade de Língua Portuguesa (Programa Ciências Sociais CPLP) do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

**Temas:** Ciência política; Ciências Sociais; Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq); Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior; Ensino público; Família; Florestan Fernandes; Formação profissional; Infância; Militância política; Regime militar; Religião; São Paulo; Vale do Paraíba;

### *Sumário*

Entrevista: 14/08/2013 Origens; história familiar e escolaridade; o ambiente universitário nos anos 60; procedimentos da época de cátedra; o Regime Militar e as universidades; o espaço da sala de aula na graduação; breve síntese de sua trajetória acadêmica; o processo de institucionalização de pesquisas junto a faculdades públicas no país; amizades da época de graduação; período de transição para a ditadura militar na faculdade; crescente interesse no tema referente a burocracia das organizações formais e industrialização no Brasil; o caso da infância o qual fomentou seu interesse por pensar a sociedade; temas e influências no doutorado; ingresso na área de sociologia da comunicação; a geração dos jovens dos anos 90 e as ciências sociais; o ambiente familiar; história de vida dos pais e suas experiências no Vale da Paraíba e no Rio de Janeiro; o papel do irmão mais velho como mediador entre os pais e o novo país que estavam a habitar; a mudança para o centro urbano de São Paulo; experiências com os primeiros empregos; aproximação com o universo militante e ideologias socialistas; a relação com a Sociologia e a Ciência Política; desafios da graduação aos alunos mais jovens em contato com as Ciências Sociais; a degradação do ensino médio atual e o ensino público de sua época; período de produção de sua obra sobre Max Weber; relação pessoal com a religião; contribuição profissional para o debate acerca da chamada Teoria da Justiça; experiência como presidente da ANPOCS e nos comitês de avaliação CNPQ; discurso sobre “A Sociologia como interrogação”, mais uma vez inspirado por Florestan; a formação acadêmica nas Ciências Sociais e a questão profissional nos dias atuais; a obrigatoriedade da Sociologia no ensino médio e as limitações do ensino básico no Brasil; os problemas do funcionamento das agências na área da política científica; a figura dos comitês e o papel do Capes e CNPQ; influências dos pensamentos de Adorno; Mínima Moralía e os escritos de Rosa Luxemburgo como grandes obras inspiradoras; sua relação com cientistas sociais de outros países; experiência como editor da revista Lua Nova; o cenário atual da trajetória das revistas de cientistas sociais; a questão da padronização da língua na publicação de artigos.

*Entrevista: 14/08/2013*

H.B. O primeiro bloco nosso é exatamente suas lembranças de família. Se você pudesse nos contar de onde veio, seus pais, a socialização primária mesmo, escolaridade... A gente vai então seguindo.

G.C. – Perfeito. Eu vim de uma família de refugiados judeus alemães que chegaram em 1936 ao Brasil. Se instalaram no interior do estado de São Paulo durante a guerra. Uma coisa muito pouco usual, o meu pai trabalhava com agricultura, embora isso, em princípio, fosse vedado aos judeus, sobretudo a propriedade da terra. Então eles vieram para uma área do interior. Não tinham formação universitária. Na realidade, tinham o que na época deles chamava-se ginásio. Mas o ginásio alemão do início do século passado era algo que provavelmente ia além do que o nosso curso médio oferece atualmente. E havia a coisa, que tem muito a coisa judaica nisso, da valorização do conhecimento, do saber. Então, de uma maneira difusa isso foi absorvido. Agora, a formação escolar é caótica, inteiramente caótica. Começou pelo que na época se chamava Escola Rural Mista. Mista porque todo mundo dos primeiros anos ficavam em uma única sala e a professora, uma virtuose – eu tenho um enorme respeito até hoje por essas mestras – conseguia fazer aquela meninada... Isso em uma área perdida, no fundo da... Durante a guerra quando os contatos eram mínimos, você não tinha circulação, você não tinha nem combustível para veículos e nada. Mas, de ponta a ponta, foi uma formação inteiramente caótica. Então eu não vim para a universidade, na realidade, equipado formalmente, embora houvesse aquela inquietação interna.

H.B. – Mas você pode descrever um pouquinho o que é esse caótico? Tinha escola ou não tinha?

G.C. – É, no caso... O período mais ordenado foram os três ou quatro primeiros anos na tal Escola Rural Mista, que era um modelo, por causa da professora. Depois eu tive que ir para a cidade mais próxima que é Jacareí, no Vale do Paraíba, e foi para mim traumático porque eu estava acostumado com... Enfim, ia-se descalço para a escola. Era uma coisa completamente rústica. Algum tempo depois desses sustos eu vim para a São Paulo com cerca de dez anos por aí, onde também não foi fácil a ambientação. O fato é que eu acabei completando os meus estudos médios com aquilo que se chamava, não sei se ainda existe, “exame de Madureza”.

Ainda existe isso, não é? Que é uma coisa que se faz para aqueles que vêm assim meio perdidos no espaço. Não havia nada de sistemático e um péssimo aluno, distraído, etc. e tal. E na universidade uma espécie de mistura de coisas que me facilitaram a vida e um desastre como conduta como estudante. Eu costumava brincar, e tanto brincadeira, que nas conexões atuais eu não teria chance alguma; essa história de se pedir histórico escolar, se alguém olhasse o meu histórico escolar da graduação na USP pediria que eu fosse banido do território nacional, porque era uma coisa totalmente sem pé nem cabeça. Mas aí as vantagens fortuitas, uma delas é a família de língua alemã; eu aprendi a ler alemão e me transformei no que, citando tal personagem lá, o homem que sabia javanês, não é? O homem absolutamente heroico que era capaz de ler Weber em alemão. Isso marcou para o resto da vida. Começou cedo a associação minha com o nome sagrado Weber. Isso me deu uma vantagem fantástica. Nenhum mérito, mas uma vantagem fantástica. Bom, talvez valha a pena lembrar que era radicalmente diferente o ambiente universitário acadêmico na passagem dos anos 50 para os anos 60. Eu entrei na universidade em 1960, completei em 1963.

A.C. – Você estudou que curso?

G.C. – Ciências Sociais. Um pouco incentivado para um amigo, por um colega que, aliás, virou ilustre, o Michel Levy. Ele me incentivou: “Ah, vai para as Ciências Sociais”. E eu acabei achando que poderia ser interessante. Enfim, acabou virando a referência.

H.B. – Seus pais ficaram no interior?

G.C. – Não, vieram depois para São Paulo. Quer dizer, eu fiquei um bom tempo, mas não era uma situação, sei lá, de intercâmbio cultural, intelectual constante, isso não existia. Uma coisa que me ajudou foi que durante a graduação na faculdade, nas Ciências Sociais, na velha Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, eu fui trabalhar no jornal, na *Folha de São Paulo*. Isso é uma combinação extraordinariamente boa você poder juntar essas duas coisas, ajudou muito, também. Mas não há nada de sistemático. E era possível naquele período fazer as coisas desse modo porque ainda havia a cátedra. O catedrático era um grão senhor, ele escolhia, pronto. E eu tive a sorte de estar perto de Florestan, de Ianni, de Fernando Henrique e todos aqueles grandes mestres. E isso acabou facilitando que não se preocupasse muito com o modo

errático de fazer a coisa. E Florestan acabou me chamando para o que, na época, era o Centro de Sociologia Industrial e do Trabalho, que era uma área importante de pesquisa que estava sendo criada por Florestan, junto com Fernando Henrique Cardoso, e que servia não só para trazer jovens que podiam participar lá das pesquisas como também como uma espécie de porta de entrada naquilo que na época seria a *cadeira* de Sociologia – uma das duas existências, uma peculiaridade da época. A mesma escola tinha duas cadeiras, dois catedráticos de Sociologia.

A.C. – Quem eram os dois? Quem eram eles?

G.C. – Então, numa o Florestan Fernandes era o grande mestre. A outra eu não sei agora definir formalmente quem estava em cada momento no escalão superior, mas havia, pelo menos, quatro figuras muito importantes: Maria Isaura Pereira de Queiroz, Ruy Galvão de Andrade Coelho, Azis Simão... Eu falei quatro, qual era o quarto? Enfim, esses três eram uma espécie de núcleo duro da coisa. Era um grupo muito interessante...

H.B. – Além do próprio Florestan?

G.C. – O Florestan estava no outro lado do corredor. As duas cadeiras estavam divididas por um corredor. Era, assim, um risco muito grande você sair de um lado para outro, porque havia, infelizmente, uma grande rivalidade entre as duas.

H.B. – Interessante uma descrição desse ambiente, da sua lembrança desse ambiente. Era um departamento grande? Quantos professores? Como é que se dava essa rotina?

G.C. – Eram poucos professores, porque a escola era pequena. Poucos estudantes também. A explosão se deu nos anos 70, não é? Sei lá, cada uma dessas tais cadeiras tinha, quando muito, dez professores, quando muito, entre os veteranos e alguns mais moços, não era muito além disso. E a coisa funcionava com uma certa informalidade. A época da cátedra era uma época em que tudo dependia do catedrático, se ele fosse bom, ele montava uma coisa excelente. O Florestan fazia todas essas coisas, as grandes pesquisas sobre relações raciais, essa sociologia industrial do trabalho, na realidade, também se preocupa com a coisa urbana e tudo mais, era uma coisa bastante ampla. Então, nas mãos de um intelectual de grande envergadura a cátedra

era interessante. Agora, é claro que havia casos, que não ocorreram na Sociologia, em que catedráticos destruíram áreas inteiras por décadas às vezes. Agora, o ambiente tinha essa característica: você não tinha o nível elevado da tal institucionalização, que eu até hoje eu vejo com um misto de admiração pelo o que se conseguiu e de um mal-estar em relação a como isso foi compartimentalizando e normatizando. Eu costumo, não é nem brincar, é falar sério, que esses avanços da formação da comunidade científica de um modo geral, tudo muito recente, e também na área das Ciências Sociais que atualmente tem um nível elevado de organização, isso tem uma característica um pouco curiosa. Os participantes disso falam em comunidade acadêmica, mas nós sabemos que há por todos os cantos áreas de atrito, oposição, etc e tal. Então, o que acontece quando um grupo altamente heterogêneo tem que conviver de um modo ou de outro? Normatização. Foi o que aconteceu. Normatizaram febrilmente. Atualmente você não dá um passo sem ser normatizado. O jovem que entra agora – uma coisa que me impressiona muito, eu comento bastante também – um jovem entra na universidade, universidade x, departamento y, mas qual é a relação real que ele tem do ponto de vista institucional? É com uma agência de fomento, duas ou três. O departamento e a universidade são meros guarda-chuvas institucionais. Isso é uma coisa muito impressionante, me assusta muito, porque o vínculo com a universidade, a tal *alma mater*, é uma coisa muito, muito remota e difusa. Eu creio que é uma perda e está relacionado com essa coisa normatizada em grau extremo. Os jovens que entram rapidamente e se ajustam, e são muito eficientes. E não há dúvidas que na área de Ciências Sociais nós tivemos gerações de jovens de altíssima qualidade e eu creio que está se elevando essa qualidade. Eu não gosto do tom da coisa, eu não gosto do clima que se vai criando. Gostaria de poder ver ainda essa coisa que faz parte de um passado irrecuperável, essa coisa mais solta.

H.B. – Nós temos, inclusive aí, nesse diagnóstico que você está fazendo, a reforma de 68. Mas eu queria voltar um pouquinho para o início dos anos 60. Você entra na universidade em um momento de efervescência política. Essa rivalidade que você fala de um lado e do outro do corredor tinha alguma relação com isso?

G.C. – Não, não, eles estavam inteiramente juntos no que diz respeito as posições políticas básicas. Eu teria dificuldades para tentar traçar a genealogia, digamos, dessa coisa. Eu nem sei lhe dizer exatamente – a figura chave provavelmente seja Fernando de Azevedo, mas eu não

tenho isso na cabeça – como é que no final das contas isso foi bifurcar, porque é completamente anômala essa bifurcação. Por que diabos duas cadeiras de Sociologia, que além do mais nem eram tão marcadamente diferentes? Havia algumas, quer dizer, Maria Isaura se preocupava, digamos, com messianismo. *Ninguém* do pessoal de Florestan se preocupava com esse tema e por aí afora. Ela não faria sociologia do trabalho. Essas coisas. Mas Azis Simão fazia, e é um pioneiro. Eu não sei descrever, mas por alguma razão isso se bifurcou. Entretanto, a rivalidade é, sei lá, crônica. Não havia razões objetivas fortes para que isso ocorresse, a não ser, é claro, a questão elementar de quem e que manda aqui e quem é o grande catedrático. Mas não havia essas diferenças, o que havia – você sabe bem, a gente ouve isso toda hora – é essa diferença monumental para quem viveu os períodos intensos de aprendizado na primeira metade dos anos 60 e mais recentemente, porque naqueles anos nós estávamos absolutamente *seguros* de que sabíamos qual era o futuro do mundo. Mas nós não tínhamos a menor dúvida em nenhum momento, era só uma questão de quais os passos e como se ajustar melhor à grande marcha da humanidade. Essa perda é que eu sinto com tristeza quando eu vejo os jovens em um mundo altamente áspero em que vivem... Porque comparado ao mundo em os jovens vivem agora, aquele em que eu vivi era muito sereno, digamos assim. A aspereza agora, a brutalidade da competição, essa normatização que entra por todos os poros, faz uma diferença enorme. Posso até, se me permite, lembrar um exemplo: Fernando Henrique Cardoso dando aula – grande professor, aliás, grande professor – ele lá falando, de vez em quando algum estudante: “Mas professor, o que o Marx dizia disso?”. Ele usava um bordão que era eterno dele: “Eu chego lá, eu chego lá”. Nunca chegará por uma razão simples, primeiro: o debate que o rapaz ou a moça queria fazer lá dentro era feito o tempo todo em todos os cantos, segundo: ele dava um curso inteiramente convencional de Introdução a Sociologia, de alta qualidade mas inteiramente convencional, mas, ao mesmo tempo, dava seminários em que se discutia as grandes questões do Brasil, se discutia a questão do Desenvolvimento, da Cepal, Iseb, etc. e tal, as brigas a respeito da... Desenvolvimento era a palavra chave. Isso permitia um equilíbrio das coisas e ao mesmo tempo fazia com que as questões que eram mais prementes para muitos estudantes, encontram-se fora de escoamento que não jogasse tudo para a sala de aula. Isso contrasta de maneira pungente, eu diria, com o que ocorreu nos anos 70 durante o Regime Militar. Porque o que ocorreu? A gente sabe disso, esse grande paradoxo. O que o Regime Militar conseguiu fazer? Jogou o marxismo para dentro da universidade e fechou, aferrolhou. Com isso se tentava resolver ali dentro daquele minúsculo ambiente fechado e na defensiva o que antes se tentava



fazer a céu aberto. Quer dizer, queda de qualidade, desgastes e tudo mais. Foi um dos paradoxos do... Porque os controles, evidentemente, existiam, mas não eram *tão* espantosamente virulentos. Mas o mundo da pré-institucionalização era marcado por um ambiente intelectual, político e tudo mais. Até 68 de certa maneira, depois é que a coisa mudou muito. É claro que os anos 70... Mas quem carregou o peso dos anos 70 foram os estudantes, os estudantes que heroicamente saíram às ruas e tudo mais. Os professores, a USP... Perdemos os grandes mestres por aposentadorias compulsórias, mas não foi uma ordem dos militares, foi *internamente* que se fizeram as listas, e foi de dentro para fora que se levaram as listas para... Ninguém de fora falou uma palavra. Grandes mestres da Faculdade de Direito fizeram isso. Foi a universidade que se mutilou, não é uma imposição sem mais. E de maneira cruel, não é? Até hoje eu não consigo absorver que grandes mestres meus tivessem sido acusados de proselitismo em sala de aula. Eu dou um exemplo a vocês do tal proselitismo. O meu grande mestre Octavio Ianni dando aula, ele termina a aula – isso é absolutamente real – e um estudante diz: “Mas professor, isso o que você falou aí agora está em um artigo seu, que o senhor publicou”. Ianni respondeu: “Olha, eu quero que vocês leiam e critiquem o que eu escrevo, mas e jamais vou mencionar dentro de sala de aula, onde a relação é assimétrica, que eu tenho tal coisa e vocês se vejam obrigados a ler”. Esse era o proselitismo. Quer dizer, é um horror. Agora, isso foi gerado dentro por querelas, bom, ideológicas também, de poder e tudo mais. Um homem como Florestan, é claro, representava um desconforto muito grande para muitos grupos. Uma espécie de força da natureza que ninguém conseguia conter. Muito diferente no seu estilo do mestre Ruy Galvão de Andrade Coelho, o nome já diz que ele era da alta estirpe paulista, que era um *gentleman*. Aliás foi preso por uma situação que o envolvia indiretamente. Foi e se comportou de maneira extremamente digna. Pegam o – já era um senhor – o Ruy Coelho, com aquela postura impecável e joga em um prisão onde ele fica ali a ver os outros, entre eles estava o Paulo Vanucchi que mais tarde viria a ser secretário com nível de ministro de Estado na questão de Direitos Humanos e agora está na OEA. Na época era um jovem que ficou cinco anos presos cujo irmão foi morto, o Alexandre Vanucchi, e o Ruy Coelho – o que me contavam – olhava para ele e dizia: “Mas não é possível, é um menino, é uma criança, o que está fazendo aqui?”. Ele não conseguia... Eram tempos estranhos, não é? Estranhos... Um estudante meu que ficou um tempo preso depois volta e volta as aulas, e no meio daqueles debates malucos em sala de aula, em uma certa altura, ele perde a paciência e diz: “Meu Deus, estou querendo voltar, porque lá” – lá era a prisão – “você tinha as coisas bem definidas, aqui você não tem nada que

seja bem definido. Como eu vou aguentar esse tipo de debate?”. Com isso ele era profético porque ele anunciava muitos dos dilemas da chamada redemocratização em que as coisas perderam aquela definição nítida e o pessoal saiu atirando para todo o lado e no meu entender, vocês vão ficar bravos, mas no meu entender, engolindo demais o grande *slogan* da época, criado primeiro na Europa, da sociedade civil organizada, que gerou muitas confusões, sobretudo porque primeiro isso significava contra o Estado. Mas isso são outros quinhentos, não tem muito a ver com a...

H.B. – Gabriel, você termina a graduação em 64?

G.C. – Em 64.

H.B. – Quer dizer, o ano do golpe.

G.C. – O ano do golpe. Quer dizer, entrando em 64. Eu entrei já graduado em 64. Quem era mesmo para ser nosso paraninfo? Agora eu sempre confundo se era o Celso Furtado ou quem? Eu sei que não houve, é claro, a cerimônia. Mas eu termino exatamente nesse período e sou contratado pelo Cesit no final de 64 sem ter mestrado, sem ter nada. Isso também é uma característica da época. Atualmente não é pensado.

H.B. – Nem existia tanto, não é?

G.B. – É. Também isso era muito... Já a pós-graduação, enfim, estava presente. Eu fiz o mestrado em 67 ainda em um regime muito pouco amarrado, mas com uma orientação excelente do grande mestre Ianni, e fiz o doutorado em 71, quando as coisas já começavam a ficar mais amarradinhas. De um certo modo, na minha carreira pessoal, eu escapei sempre um pouco dos momentos mais incisivos de regulamentação. Talvez um pouco isso e o mundo caótico que eu vivia antes, na minha cabeça, essa formação que não era formação, até hoje leva esse certo mal-estar em relação a essas coisas que são... “Você tem que fazer isso. E tantos artigos e o artigo só pode ter uma ideia etc e tal”. Aliás, é gozado isso, se a gente tivesse realmente uma ideia por artigo seria maravilhoso. [risos] Mas não é esse mundo não. Mas não há jeito. E a ianquização da universidade me parece um processo irreversível, que eu deploro!

Os colegas europeus deploram com muito mais razões, não é? Você destruir a grande tradição... Isso se tentou fazer em um certo momento aqui. Eu falo isso porque pode ser matéria de... Helena conhece isso de sobra. Mas a coisa da Unicamp, Fausto Castilho, filósofo da Unicamp, que tem muito a ver com o processo de criação daquela universidade, tinha um projeto que era extremamente generoso de formação de universidade, que era um pouco alemão. Um pouco retomando o que a USP tentou fazer só que em uma vertente mais francesa, ou seja, uma faculdade de Filosofia e Ciências Básicas que seria o núcleo da coisa e depois vertebrando nas escolas mais profissionais. O Fausto queria retomar isso na Unicamp e queria que de fato a universidade significasse o grande centro de reflexão e pesquisa básica, que as escolas profissionais fossem, assim, um pouco agregadas e não uma posição hegemônica como elas têm, mesmo na USP, porque elas acabam tomando conta pela sua natureza. Mas isso não foi possível realizar.

H.B. – É uma tradição fadada ao fracasso no Brasil desde a UDF depois a UnB.

G.C. – É mesmo. A UnB é uma tragédia, não é?

H.B. – Outra, não é? Mas é sempre esse esforço de começar mais aberta, menos burocratizada, mais básica.

G.C. – Mas agora não há a menor chance de você sequer tentar, eu acredito que não. Porque o fato é que foi extremamente bem sucedido o processo de institucionalização da pesquisa nesse país. É extraordinário. Quando se criou na área de Ciências Sociais, a Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa, na USP eu vi grande resistência à criação da Anpocs. Até um pouco por razões, entre um e outro colega, que eu deva chamar de ideológicas – é uma expressão ruim – no sentido que se temia que a Anpocs ia ser tábula rasa de tudo o que se tentava fazer e impusesse um padrão que era basicamente um padrão americano. A Anpocs se revelou mais flexível, conseguiu absorver muito do que se fazia. É uma instituição que desconfio, a essa altura, não se pode dizer que seja, sei lá, muito focalizada demais. Mas de fato deve-se reconhecer que o risco existia e o contexto de certo modo justificava receios dessa ordem, porque era época em que os americanos estavam jogando rios de dinheiro pelo mundo afora para criar um padrão acadêmico deles e combatendo um inimigo óbvio, não é? A Flacso. A

Flacso é uma bela escola no Chile, eles mandavam os emissários – aliás, essa é uma historinha também – pela América Latina pegarem os jovens ali meio irrequietos ou sei lá e levar para lá, onde o camarada aprendia muito bem, a escola é excelente, e aprendiam um outro padrão. Está cheio de iminentes figuras das Ciências Sociais, não necessariamente na universidade, aquele pessoal que veio de Minas. Em Minas, se você pega agora os artigos que os nossos queridos amigos de Minas, que atualmente são pessoas solidamente estabelecidas, faziam na velha revista *Mosaico* – que era uma revista de estudante lá, aquilo pegava fogo quando você abria as páginas. Esses jovens foram capturados, por exemplo, no caso latino americano pela Flacso. Eu próprio... Tinha o Galtung, que era um cara muito bom, norueguês Johan Galtung, ele passou por aí e abriu a chance de ir. Aí eu vi uma frase bem florestânica: “Ah, tenho a chance de ir para a Flacso”. Ele falou: “Você pode ir, mas se você for, aqui você não volta mais”. Aí, por bem ou por mal, sei lá se fiz bem ou mal, mas enfim, resolvi ficar. Sorte minha, senão não estaríamos conversando agora, não é?

H.B. – Sim. Só para concluir um pouquinho o ciclo da graduação. A sua turma era uma turma grande?

C.G. – Não.

H.B. – Toda ela concluiu, ficou nas Ciências Sociais, como é?

G.C. – Na realidade eu acredito que uma boa parcela ficou nas Ciências Sociais indo para a universidade, outros tiveram papel importante na área da cultura.

H.B. – Você se lembra dos nomes?

G.C. – Bom, agora você me pegou. Estou pensando na minha colega aqui. Na verdade casou com um cineasta importante, mas ela própria tinha um papel importante na área da cultura. Assunção? Não sei se é Assunção... Preciso pensar. Mas da minha turma, da minha classe, só para te citar um nome: a Heloisa Martins, que é uma socióloga de méritos, teve um papel muito importante na coisa do Centro Sindical de Estatística, que agora me escapou nesse momento a sigla. Trabalhou com a grande figura que é o José Albertino Rodrigues, de São Carlos. Alguns

que me lembro não foram da minha turma, eram anteriores, tipo o José César Gnaccarini, José Carlos Pereira, ficaram na universidade. Alguns da minha ficaram, mas eu preciso tentar localizar quais eram exatamente, mas não se perderam. Em parte, porque você tinha, naquela ocasião, algo que depois se perdeu – talvez agora venha se recuperando –, que era o bom aproveitamento no mercado de trabalho emergente e uma grande qualidade do pessoal de Ciências Sociais que é a versatilidade, agilidade intelectual, etc. O que o jornalismo capturou de jovens recém ingressos... Você não entrava em uma redação de jornal ou revista que não tivesse um monte deles. Propaganda foi outro que... Esse pessoal com grande agilidade intelectual, eles eram aproveitados. Então eles não se perderam no espaço, de uma maneira ou de outra eles conseguiram se ajustar. Outra colega minha virou uma estatística profissional. Não se perderam. Havia algo aí que eu queria mencionar com referência a isso, da continuidade de atuação, da continuação profissional do jovem estudante na época... Confesso que me escapa o argumento que eu queria usar. Agora, não esqueçamos que se tratava de turmas pequenas. Mas completavam. Não havia muita desistência e havia interesse real, apesar de, às vezes, uma pontinha de impaciência com o jeitão do curso. Eu tinha uma colega especialmente malvada que dizia: “Se o camarada leu bem o Celso Furtado ele faz esse curso sem grandes problemas”. Mas era malvadeza dela. [risos] Também muito bem sucedida, depois, na área do jornalismo. Ah, o recrutamento, isso que eu queria fazer uma referência que, talvez, esteja te preocupando. Eu peguei também uma fase de transição no que diz respeito aos professores, porque eu peguei a fase em que a Faculdade de Filosofia, esse núcleo duro da universidade, ia deixando de ser uma escola que, no fundo era uma escola... – os meus colegas chamavam de estamental – da elite entre os professores e também entre os estudantes. Eu peguei a transição, eu peguei período em que entre os meus professores, você teria, digamos, uma Maria Alice Mencarini Foracchi. Imagina como isso soa aos ouvidos de um paulista de velha estirpe, não é? Octavio Ianni, etc e tal. E eu estudei junto com senhor Sedi Hirano, ou, pouco antes de mim, o brilhante Gnaccarini, José Cezar Gnaccarini. Quer dizer, figuras com nomes bastante suspeitos ou com nomes locais, mas plebeus, que tinham vindo... De certo modo, eu, apesar da origem europeia, fazia parte desse grupo de plebeus soltos com nomes esquisitos que eram capturados, em parte, exatamente pela mudança do corpo docente. Quer dizer, o meu grande mestre Octavio Ianni era um perito nisso, Maria Alice era muito sensível... Aqueles que pegaram a transição eram muito sensíveis, eles viam aquele sujeitinho no fundo da sala, que ficavam quietinho, e puxavam, incentivam e com isso ajudaram muitos jovens que vinham de uma condição que

não lhes davam esse desembaraço a entrarem na... Mas esse foi um período de transição muito importante. Agora essas barreiras estão inteiramente superadas, mas eu peguei a transição.

M.G. – Estava a ver precisamente no seu currículo e na sua trajetória da graduação, depois o tema do mestrado e depois do doutorado. Como eram definidos os temas de pesquisa? O que vemos é que grandes diferenças...

G.C. – Isso é interessante. No meu caso chega a ser bastante curioso. Eu vou falar mais do meu caso. O mestrado é caracteristicamente um produto do Cesit, daquele centro... Aliás, nem tanto do Cesit, do grande projeto que Florestan e Fernando Henrique montaram, que é sobre a industrialização no Brasil e tal e tal. Então foram realizados, naquela época, numerosas monografias de mestrado. Aliás, muitas não chegaram a ser realizadas por causa de 64, mas estavam em andamento numerosas monografias de mestrado que tratavam ou de grandes empresas públicas ou, enfim, dos grandes empreendimentos relacionados com a industrialização. E aí, um desses temas era petróleo. Então foi realmente, digamos, uma sugestão, foi direcionado, por minha conta provavelmente não. Por minha conta eu acho que eu iria me preocupar com aquilo que virou uma espécie de pequeno projeto de pesquisa que eu fiz logo depois do mestrado, levei à Fapesp. A Fapesp também estava começando. A principal agência de fomento à pesquisa também estava em sua fase inicial. Eu lembro que eu era moleque... Naquele tempo tudo era informal, você entrava e conversava com qualquer pessoa na Fapesp. Atualmente você tem que se apresentar a quatorze *cerberus* que ficam ali te vigiando. E um desses cidadãos e cientista provavelmente ilustre disse: “Que bom, que bom. Traga projetos, nós temos dinheiro. Precisamos de mais projetos”. Um pouco ao contrário do que ocorreria depois. Aí fiz o tal projetinho que provavelmente faria se não fosse a coisa do petróleo, mas estava relacionado, que era a coisa da burocracia das organizações formais que, aliás, foi o primeiro tema de curso de graduação que eu dei. Estava interessado nesse tema, na época motivado pela observação banal do cotidiano, vendo escritórios e dizendo: “Como é possível que um mundo como esse exista?”. Aquele matraquear de máquinas e todo mundo encurralado. Então precisamos estudar essa coisa. Não tinha nada a ver com Weber, era mais um certo fascínio no sentido de horror, então precisamos ver o que é isso. Aliás, eu estou resistindo a contar a experiência originária, que eu já contei e não queria me repetir demais. Mas enfim, a experiência originária de tudo vocês não têm a obrigação de acreditar. Vocês não

são obrigados a acreditar. O que incendiou alguma coisa lá dentro? Eu, por mim, estou falando absolutamente a sério quando conto isso. Estava eu na tal escolinha rural e em um certo momento a professora, que era uma pessoa maravilhosa disse: “Ninguém sai para o recreio. Alguém fez não sei o quê”. Aí todo mundo ficou. Na saída, eu não sei como, dada a minha timidez, eu chego para professora e falo: “Por que se alguém fez alguma coisa todo mundo perdeu o recreio?”. E ela me deu a resposta que me fulminou, até hoje eu sinto o impacto da resposta. Com extrema doçura, com absoluta serenidade ela me disse: “Os inocentes pagam pelos pecadores”. Aquilo me fulminou! Até *hoje* eu me pergunto como é possível o mundo em que, com a maior doçura, uma coisa como essa possa ser dita. E isso ficou girando lá no fundo da minha cabeça e eu estou até hoje tentando saber que mundo, que sociedade é essa em que isso possa ser dito. E não é questão de ter sido dito por um ferrabrás qualquer, mas pela mais doce das criaturas e que falava isso do fundo da alma, como se fosse a naturalidade total. E eu que vinha de uma espécie de um mundo rústico judaizado... Quer dizer, um mundo de um camarada que é judeu-germânico caipira, ou seja, um cidadão que é judeu para os alemães, alemão para os judeus e caipira na cidade, [risos] eu simplesmente não consegui mais me livrar dessa coisa: como é possível esse descompasso, essa enormidade tão espontânea e tão natural? Eu gostaria de voltar sempre a repensar isso. Atualmente isso tem a ver com essa coisa de padrão de civilização, quer dizer, o que você está criando aqui, não é? O diabo é que se perdeu na tradição. Eu continuo achando que foi uma perda, viu? O pessoal *odeia* isso. Primeiro alguns falam de culturalismo, etc e tal. Mas o que se deu nos anos 40 e um pouco nos anos 50 nas Ciências Sociais, inclusive aquele movimento de pesquisa de cultura e personalidade, eu pessoalmente acho que foi uma perda jogar tudo isso no lixo. Não devia ter sido jogado no lixo. Fizeram-se coisas interessantes e isso poderia ser refinado muito. Aí ficou aquela coisa: culturalismo, quer explicar pela cultura. Não, cultura é problema, mas eu quero saber como emerge esse problema e tentar... Mas se perdeu, eu não sei por onde pegar essa coisa agora e não sei explicar para vocês porque os inocentes pagam pelos pecadores. Talvez Joaquim Barbosa consiga, mas eu não consigo.

H.B. – Talvez a convicção dela venha da recorrência com que assistia aos descabros e se rendia ao fato de que...

G.C. – Mas é isso! Estamos impregnados disso. O drama é essa coisa que nos atormenta como cientistas sociais, quer dizer, esses processos de impregnação das pessoas, dos grupos. Isso é uma coisa que eu continuo achando que nós sentimos falta sim, de trabalhar mais em profundidade aquilo que está no núcleo da nossa profissão, que é a questão dos modos de experiência social, a constituição dos modos de experiência social que te leva a essa impregnação; como é que isso organiza a tua presença no mundo. Desconfio eu que há muita coisa a ser feita nisso ainda e a gente fica oscilando entre os principais grandes temas. E tem a tal mania, que é coisa das Ciências Sociais, eu imagino, que é o que foi adquirido em um certo momento, de repente é deixado de lado. Virou velharia, acabou. Aí você vai para outro. Resultado, eu, por mim, encontro muito mais coisa para me fazer refletir no velho Weber e no velho Durkheim do que em Bourdieu. Muito mais. Muitos dos autores que são assim espantosos, eu vejo que a maior parte do que eles estão dizendo está nos velhos clássicos. Então, nós não estamos fazendo avanços reais, não é? Agora, isso está relacionado com todos os processos também de institucionalização, porque tudo te estimula a você se colocar no mercado intelectual e aí você tem tudo aquilo que não vou ficar repetindo aqui.

H.B. – Talvez a obrigatoriedade de singularizar...

G.C. – Agora, eu te digo uma coisa Helena, eu falava: “Não, meu desconforto veio depois da institucionalização e pá, pá, pá”. Como se estivéssemos livres disso. Quando meu mestre Florestan montou o grande projeto de industrialização, quando montou o Cesit, ele estava fazendo isso. Tanto que fui obrigado a confessar contrito aqui que o meu mestrado foi induzido. O doutorado foi resultado de um outro processo. Conto?

A.C. – Sim!

G.C. – Uma reunião do departamento... Departamento não, a cadeira de Sociologia. Eu já estava lá... Eu já era mestre. Isso foi em 66, eu já estava lá bem direito. De novo reaparece meu grande mestre Ianni. Vocês vão ter que paciência quando eu falo na minha trajetória porque toda hora eu menciono o nome do grande Octávio Ianni, um mestre modelar. Ele, no meio da reunião, diz: “Olha, há um problema. A importância crescente dos meios de comunicação é inegável na sociedade. Isso está ganhando corpo, tem um ímpeto muito forte e a universidade



não está respondendo. Nós não estamos discutindo isso aqui dentro, nós temos que começar a discutir isso aqui dentro.”. E eu era o mais recente, não é? Eu devo ter feito algum gesto distraído, talvez também estimulado por um possante pontapé debaixo da mesa do Ianni: “Ah, está bom, Gabriel, você vai tomar conta disso então, tudo bem?”. Eu falei: “É, legal, é bom, interessante, vamos lá”. Resultado, eu acabei indo parar do petróleo nos meios de comunicação. Atualmente isso não é muito comum, você não fica pulando assim de tema para tema. Você faz uma trajetória. Eu até estímulo essa trajetória porque não vejo como não ser. Mas fui parar nesse negócio. Aí eu ia fazer o doutorado, fui fazer um estudo lá sobre... Não era uma pesquisa, era mais uma reflexão... Virou Sociologia da Comunicação porque esse era o tema, então era uma espécie de tentar tomar pé... Aliás, curiosamente vai ser reeditado agora, depois de séculos e séculos de esquecimento, esse livro vai ser reeditado: *Sociologia da Comunicação*. Está na editora já. Graças ao empenho de um querido colega nosso: José Maurício Domingues lá do Iesp, que descobriu esse negócio e com aquele ímpeto característico gritou: “Gabriel, esse negócio não pode ficar esquecido!”. Vai ser reeditado. Aí no caso havia uma associação entre uma nova área. Era um desafio, não havia nada sobre isso, *aqui* claro. E uma exigência intelectual emergia organicamente nas condições.

M.G. – E o que foi importante nessa sua pesquisa? O que hoje ainda guarda...?

G.C. – Com relação aos meios de comunicação?

M.G. – Exato.

G.C. – Eu fiquei vinculado a isso durante alguns anos. Cheguei a organizar e publicar até antes do tal livro da sociologia, em 71 já, uma coletânea que virou referência durante muitos anos. Aliás, curiosamente, deverá ser reeditada também, mas já modificada. Bom, claro que se confirmou a importância fundamental do tema, mas eu devo confessar que apesar de que a USP acabou sendo – Ianni viu certo isso – pioneira nisso, a primeira pós-graduação na área de comunicação sociológica foi na USP por conta disso. E eu não tinha dúvidas sobre a importância. Acontece que naquele período, um período marcado, vejam vocês, pelas circunstâncias... Se criava muitas escolas de comunicação, o ministro da Educação em um certo momento do Regime Militar, um sujeito muito inteligente, o coronel Jarbas Passarinho, dizia:

“No Brasil todo município quer ter duas coisas: uma fonte luminosa e uma escola de comunicação”. [risos] Então isso proliferava e gerou um ambiente intelectualmente muito pouco estimulante. As coisas mais estranhas começaram a circular na área e virou uma coisa sem grande densidade. Eu acabei me desencantando, ao mesmo tempo estimulado pela... Aí sim houve estímulos, mas só estímulos amistosos de colegas e de mestres que um pouco diziam: “Bom, já que você é o cara que consegue ler o tal alemão e nos assustava com isso, agora faça o favor de parar, pensar um pouco e faça aí a sua livre-docência sobre Weber”. Claro que eu gostosamente aceitei. Achei um belíssimo tema. Vamos lá. Quer dizer, havia o estímulo externo, claro, digamos, o reforço, mas havia um propósito também. Por causa de um certo viés também teórico, não é? Não fiz a coisa da burocracia, o projeto não foi realizado, porque logo depois entrou o troço da comunicação. Aí eu retraí e acabei cada vez mais sendo envolvido na tal coisa dos fundamentos. Mas o que me deixava... Pessoalmente não vejo drama nenhum nisso. Agora, essa coisa toda de você passar de uma área para outra em um período... Porque tudo isso foi feito em um período áureo de dez anos. Tudo o que eu tenho para colocar na mesa, se é que eu tenho alguma coisa, foi entre 67 e 77, entre o mestrado e a livre-docência – o que, aliás, mostra uma outra coisa curiosa, às vezes, antes da institucionalização, era mais rápida a carreira do que agora. Mas isso talvez um pouco por um dos paradoxos da institucionalização que é a questão das bolsas. A bolsa, ela, às vezes, atrasa, porque o estudante precisa ser muito, muito maluquinho se ele correr com seu trabalho e perder parte da bolsa, não é?! [risos] Então vai ajustar. A chamada... Como se chama isso? Enfim, o cálculo racional, não é? Agora, há esses paradoxos todos envolvidos. Quer dizer, não é que nós vivêssemos em um mundo idílico em que não se faziam presentes os, digamos, constrangimentos a livre circulação das pessoas e já estávamos gerando, naquele momento, formas muito fortes. Mas depois isso ganhou uma dimensão que provavelmente assustou os velhos mestres, porque o mundo... Realmente há uma divisão entre o período pré-institucionalização, quer dizer, meados dos anos 70 quando a coisa já estava madura... A Anpocs é de meados dos anos 70, eu acho.

H.B. – 76.

G.C. – Por aí. Até meados dos anos 70 e depois disso. Realmente há uma cisão, há uma ruptura e outros modos de trabalhar, outros procedimentos. Agora, insisto nisso: grave erro cometerá quem falar que houve um período áureo em que grandes trabalhos se faziam, grandes mestres

emergiam e agora estamos mergulhados na mediocridade. Isso não é verdade, isso não tem nenhum sentido. Porque se forma gerações e gerações de jovens brilhantes. Costumamos falar da geração 90 na área de Ciências Sociais, você pega nomes de todos os lados, pessoas brilhantes. Por exemplo, o pessoal que lá no Rio está no Iesp, o antigo Iuperj, quem vai ter coragem de dizer que são pessoas de qualidade desprezível? Sem falar do resto que está aí em todos os lugares e se formando em todos os cantos. A expansão a partir dessa última gestão do Ministério da Educação; o fortalecimento das federais e expansão por todos os cantos do país. Um pouco a gente vai repetindo aqui o que aconteceu nos Estados Unidos em que as universidades de ponta formavam, formavam e formavam gente que foram se espalhando pelo país. Atualmente, em qualquer canto lá você tem gente de qualidade encravados no estado produtor de batata ou de milho, você tem gente de qualidade. É o que está acontecendo agora. Você forma e o camarada vai trabalhar, se der sorte e se ele topa fazer isso, em um posto avançado da civilização, porque as universidades federais funcionam assim em vários momentos, no Acre, por exemplo. O impacto de uma universidade federal no Acre é espantoso, são postos avançados e de qualidade, mesmo em áreas duras. Você tem jovens físicos em Alagoas excelentes.

[FINAL DO ARQUIVO I]

H.B. – Eu ia pedir que você se detivesse um pouquinho mais nessa primeira infância. Você tem irmãos, como eram? Nome de pai e mãe? Falar um pouco desse ambiente familiar primeiro.

G.C. – Pois não. Um aspecto talvez curioso nisso, é que minhas memórias de infância são relativamente rarefeitas. Eu não retive muito. Ou talvez tenha... Enfim, não é fácil fazer uma reconstrução. Os meus pais Arnold e Illse tinham essas características que eu falei, não é? Uma formação que não é usual entre os que acabaram indo para a universidade, dos filhos de imigrantes. Mas o que marcava esse período? Eu diria que a principal marca de uma infância naquele período, para quem não estava em um centro urbano importante, digamos, São Paulo ou Rio (na época Rio muito mais), era o isolamento. Um total isolamento que não era insuportável para os meus pais por uma coisa que vale a pena ser mencionada, porque eles muitas vezes me contaram isso com muita emoção, que é essa coisa marcante, muito brasileira,

aliás, da compreensão e solidariedade que encontraram entre os caipiras lá do Vale do Paraíba. Moradores locais, homens e mulheres rústicos, analfabetos muitos deles, que acolheram com enorme carinho aquele pessoal que não sabia a língua, que não conheciam formiga saúva, que queria plantar sem ter ideia do que significava aqueles morrinhos cheios de buracos que é onde as temíveis formigas saúvas se escondiam, não é? Isso é uma coisa que sempre os impressionou. Os impressionou também a chegada ao Rio por duas razões se permitem contar: uma que é o extremo de pensar como pode ter sido. Depois de enfrentarem o oceano em uma terceira classe de um navio precário, indo para um país totalmente desconhecido... Eu costumo pensar que isso significaria algo semelhante ao que eu agora tivesse o seguinte aviso: “o senhor tem quinze dias para sair e recomendo que vá para o Paquistão”. É um pouco isso. “Faz as malas, corre, vamos para o Brasil”. O Brasil não era uma referência lá na época. Mas então: “Estamos chegando ao Rio. A terra prometida. Aqui estamos livres do nazismo”. Não se esqueçam que eram refugiados, eram exilados. Tinham deixado tudo lá, tudo, inclusive a família que morreu. Quando se aproximam do porto, o que eles veem é uma bandeira com a suástica triangulando no porto. Espantoso, não é? E eu penso: o que deve ter tomado conta da alma desses dois com um filhinho de dois anos, que era o meu irmão, já falecido há um ano, meu único irmão, que fez uma outra carreira, que foi se dedicar, na época, à formação técnica depois de agricultura, depois foi para o comércio, mas nunca teve nada a ver com a universidade. Fez uma outra carreira.

H.B. – Como é o nome?

G.C. – Joaquim. Morou muito tempo no sul, veio à falecer um ano atrás no sul. Cinco anos mais velho do que eu. Mas então eles, com essa criancinha, a suástica na terra prometida. O que era, na realidade, que eles estavam se aproximando do porto e no cais havia o escritório de uma grande empresa de navegação alemã chamada *Hamburg Süd*, que agora mesmo, se vocês estão no Rio vocês veem milhares e milhares de contêineres com esse nome, imensamente importante. E como Getúlio Vargas e a sua *entourage* tinham marcada simpatias pelo Eixo, eles deixavam aquilo. Depois virou, no melhor estilo brasileiro, quando resolveram que era melhor ser pró-americano, aí, por exemplo, era proibido falar alemão em público, o que eu acho impagável imaginar que os agentes de espionagem da rede alemã ficariam falando em público suas... Enfim, aí eles não podiam falar com um menininho, ele não podiam falar com

eles, evidentemente, falando alemão. Uma coisa maluca. Essas mudanças bem brasileiras. Mas o primeiro episódio terrível foi esse. Agora, ele contrasta com o segundo que tem também uma coisa que eu gostaria de mencionar. A grande narrativa que eu conheço era da minha mãe, meu pai era quietão, mas minha mãe era faladora. Eles não tinham noção do que era um negro, a não ser, vejam vocês, ao fato de minha mãe tinha ido ver uma exibição de africanos senão lá, pelo menos perto do zoológico: “vejam como são os primitivos africanos”. E daí a criancinha ia lá e via, essa coisa. Aí eles desembarcam no Rio, bom, o que eles veem na rua? Mas o que eles experimentam na rua? E isso é fundamental. Uma coisa impensável na Alemanha da sua época, talvez até hoje, as pessoas passavam, faziam agrado na cabeça do menino: “Oi menininho”. Eles ficaram absolutamente abismados e encantados. Encantados! Quer dizer: “Que terra é essa que tem essa coisa calorosa?”. Marcou demais, marcou muito fortemente. Aonde será que em Sturtgard que um alemãozão passa e coloca a mão na cabeça de uma criancinha etc. e tal. É uma coisa absolutamente normal e era, talvez, ainda mais nesse período das cidades menores, menos ferozes como são agora. Isso, digamos, atenuou o choque de uma ambientação muito difícil e de um isolamento brutal. Anos e anos ali, naquele pequeno ambiente...

H.B. – Quem fazia a mediação? Quando eles vieram, sabiam que iriam para o interior de São Paulo?

G.C. – Eles tinham conexões, amigos que diziam: “Olha, têm essas coisas. Vai para lá, vai para cá”. Mas era muito tudo precário, depois que se instalou não havia mais... Agora, eles trouxeram algo consigo, bem aquela formação deles: livros, os grandes clássicos. Eles liam. É impressionante como há um século e pouco atrás, uma pessoa, pelo menos no centro da Europa, com a formação bastante, digamos, nada sofisticada... Goethe e Heiner ou seja lá o que foram normais. Normais! A grande literatura, a grande poesia, alguma ideia do que fazia na área da ciência – isso aí mais o meu pai que era na realidade um intelectual frustrado que não nunca teve chance... Também não transmitiu muito porque era caladão. Mas por vias indiretas eu fiquei... Agora, são experiências para mim, pelo menos, eu as ouvi, mas são *impensáveis*. Não consigo imaginar o que passava esse pessoal. Eu acho que essa mescla do maravilhoso calor humano brasileiro – que é real, não adianta a gente... – com, eu devo admitir agora, com admiração, uma certa força interna para garantir essa coisa toda impulsionada, claro, pelo

menininho, que foi o intermediário – o meu irmão foi o intermediário entre eles e o mundo porque ele rapidamente aprendeu português e começou a contar coisinhas simpáticas como essa que vou lhes narrar agora: ele chega em casa e diz: “Eu estava conversando com” – citou um dos rapazes que estava trabalhando lá – “e eu perguntei para ele: por que as estrelas não caem do céu?” – não se esqueçam que era um céu estreladíssimo. E o rapaz explicou na hora: “Claro que não, elas estão todas presas com arame farpado”. Não é fantástica essa imaginação rústica que me lembra muito aquela história do erro de tradução do camelo que não pode passar pelo...?

H.B. – Buraco da agulha.

G.C. – Porque não é camelo, é o *kamilós*, é uma corda grossa. É a imaginação do pescador dizendo: “Olha, não dá para você passar...”. Depois virou erro de tradução. Caracteristicamente é isso. Esse rapaz hostil do campo: com o que você vai prender estrelas? Com arame farpado, não é? E o garoto teve a sua primeira lição de astronomia com isso, não é? [risos] Não admira que ele não tenha seguido carreira nessa área. Mas é um mundo que, de fato, não tem mais nada a ver com a nossa experiência atual.

M.G. – O senhor se referiu a pouco que os pais vieram para São Paulo, a cidade, quando tinha dez anos?

G.C. – Sim, por aí.

M.G. – Portanto, mudaram de vida, saíram do mundo rural? Saíram do mundo rural e decidiram dar outras oportunidades aos filhos do ponto de vista da educação ou não foi esse o objetivo?

G.C. – Eu creio que tenha sido um dos objetivos sim. Eu acabei também vindo para... Mas eu não completei nada direito. [risos] É uma coisa dramática. E fui fazer trabalhos ocasionais, por exemplo, em um laboratório farmacêutico bastante importante, o *Lily*, que na época tinha o monopólio da insulina. Era pequeno de tamanho, mas muito importante. Foi uma experiência excelente porque os que dirigiam esse laboratório eram pessoas extremamente abertas. Um deles tinha certas inclinações socialistas, então era um ambiente extremamente aberto,

extremamente democrático. A cantina da fábrica era sem qualquer restrição, não havia qualquer separação entre categorias sociais. Então você circulava para todos os cantos. Essa foi uma experiência importante para abrir um pouco a cabeça.

M.G. – Quantos anos tinha?

G.C. – Ah não, isso já adolescente. Isso já, sei lá, dezesseis, dezoito anos.

M.G. – Foi o seu primeiro trabalho?

C.G. – Eu acho que esse foi. Tem um pequeno período, vejam vocês, em uma oficina mecânica. A única coisa que aprendi na oficina mecânica foi a admiração pelos profissionais daquela época. Isso ainda nos finais dos anos 50. Porque eles enfrentavam veículos, automóveis de todas as origens e com todas as características possíveis e conseguiam resolver os problemas. Olha, eu *vi* dentro daquela oficina coisas impensáveis; automóveis suíços, por exemplo, ou tchecos, que eram muito interessantes, e por aí afora. E eles conseguiam fazer isso. É espantosa a versatilidade. Essa coisa que esse país conseguiu desenvolver muito, essa espantosa versatilidade, essa rapidez de se ajustar que consegue fazer que nessa nossa pátria aqui, nós fazamos todas as besteiras possíveis e ao mesmo tempo sejamos competitivos na indústria aeronáutica, que não é brincadeira. Mas essas coisas foram ocasionais. Aí eu acabei entrando na USP. Foi a sorte, porque a USP era universidade pública. Em um vestibular muito maluquinho também. E aí tive essa sorte enorme de como estudante trabalhar no que era já época, talvez mais na época do que agora, em um jornal importantíssimo. Então era um aprendizado muito forte. E todo mundo virava um pouco mais, um pouco menos militante. Eu era assim meio... Mas ganhei, na época, dessa quase militância minha... Formalmente eu era, mas era muito ruim, depois eu pulei fora. Um militante horrível. Se depender de mim a revolução, você está frita, Helena. [risos] Mas aprendi a conhecer e admirar a minha santa padroeira, Rosa Luxemburgo, que até hoje é a grande referência. Aliás, creio que é realmente uma referência fundamental, eu diria, para o século XX. Fico um pouquinho irritado quando só se falam em Hannah Arendt, Hannah Arendt. Eu gostaria que falassem um pouco mais da Rosa.

H.B – É o que a diretora cineasta fez, não é isso?

G.C. – Fez, eu não vi isso.

H.B. – Ela tem três mulheres, incluindo Rosa.

G.C. – Ah, ela fez um filme de Rosa. Claro. E tem outra?

H.B. – Estou curiosa para ver depois que veio a Hannah. Tem o primeiro que eu esqueci o nome. São três mulheres.

G.C. – Você tem razão! Mas olha só, só essas duas eu tenho que tirar o chapéu. Se bem que no meu coração está a Rosa, a Hanninha eu deixou meio de lado. [risos] Ela foi espantosa, uma figura absolutamente espantosa. Agora, isso tudo eram os estímulos da... A carreira, depois – se me permite dar um pulo só para lembrar – foi dividida ao meio e cortada de maneira, eu diria, traumática, mas não por circunstâncias externas. Não tinha nada a ver. Isso foi em 87. Foram circunstâncias internas à vida acadêmica que, como vocês estão cansados de saber, é cheia de arestas e eu acabei, na época, quando se constituíram os departamentos e acabaram as tais cátedras, ao invés de ficar no departamento de Sociologia que seria a minha *alma mater* – e até hoje me identifico muito mais com Sociologia – eu fui parar na Ciência Política. Um processo que não... Mas tem a ver com as arestas da vidinha acadêmica. Isso foi um corte extraordinariamente forte, porque eu tive que fazer uma espécie de reciclagem, por mais próximo que você esteja... Não sei se foi ganho ou se foi perda, mas acabou sendo feito... No conjunto, se for tentar pensar institucionalmente, eu acho que esse tipo de coisa não é bom. Embora eu não goste dessa coisa super comportada. Quando os departamentos ganham a sua identidade, portanto se constituem em nichos relativamente fechados, meio mônadas, passar de um ao outro bruscamente estabelece um corte que pela minha experiência, pelo menos, sugere uma perda intelectual real, uma perda de produção e de rendimento. Porque durante anos você vai se reciclar.

H.B. – Interlocução que se interrompe, não é?



G.C. – Sim, e também de continuidade, de reflexão etc. e tal. Quer dizer, depois da tal coisa weberiana que eu fiz na Sociologia, eu fui me aproximar muito mais marcadamente e nitidamente de algo que já estava presente antes, bem antes, que é o pessoal de Frankfurt – teoria crítica da sociedade que eu acabei também trabalhando. Mas eu poderia ter dado sequência a isso. Mas aí *pum*, corta. E na Ciência Política ninguém está interessado em Adorno, etc e tal, como era de se esperar. Habermas sim, mas são outros quinhentos. Bom, acabei levando na bagagem – tinha que levar alguma coisa, não é? – um pouquinho de Habermas para os meus colegas e aí fui ler coisas deles e tal. Mas é um corte brutal.

H.B. – Era inegociável? Teria que ter sido assim?

G.C. – Eu acho que na circunstância estava difícil, mas foi mais coisas conflitivas do que...

H.B. – Produz mais isolamento, não é?

G.C. – É, mas não havia muita opção na época, eu acredito. E teve um efeito ruim. Quer dizer, não ruim no sentido: “Puxa, perdi meu tempo”. Aliás, fui acolhido de maneira extremamente... Não só acolhido como chamado de maneira extremamente civilizada, solidária pelos colegas de Ciência Política.

H.B. – Quer dizer então que você ficou 23 anos na Sociologia.

G.C. – Exatamente no meio do caminho.

H.B. – E com os cursos todos, você quer falar um pouco dessa experiência docente? Porque aí, agora, são dois departamentos, não é?

G.C. – Lá na Sociologia, depois da experiência que eu próprio acabei de afastando da coisa da Comunicação, eu acabei ficando com... Cursos eu continuei dando em áreas também, enfim, da formação básica: Teoria da Organização Social, etc e tal, mas cada vez mais fui para o lado teórico e quando fui para a política então, eu descambei de vez. Até porque fazia mais sentido eu fazer a transição para o lado teórico, eu não ia ficar concorrendo com os meus colegas que

estudam sistema partidário e que são muito bons nisso. O departamento é muito bom. E eles me absorveram de uma maneira muito elegante. Aliás, uma das ironias estranhas dessa carreira é que no final dela eu acabei sendo honrado por uma iniciativa dos colegas de Ciência Política e não de Sociologia com a condição de professor emérito, que é uma coisa muito honrosa, mas é uma das ironias de que você faça o essencial em uma área e a outra te indique para ser honrado, não é? Talvez, provavelmente, se eu prestar a atenção, vou descobrir que o pessoal da Ciência Política diz: “Ah, o Gabriel é um bom sociólogo”. [risos] E o contrário.

M.G. – Professor, então, teve na sua experiência e na sua carreira contato com alunos a nível das cadeiras básicas como iniciação à Sociologia, iniciação à Ciência Política?

G.C. – É, na Ciência Política, um pouco também.

M.G. – Que memórias guarda e que desafios pode referir do que é essa missão de pôr os alunos mais jovens em contato com uma disciplina?

G.C. – O que eu posso desde logo mencionar é minha lembrança muito afetuosa de gerações e gerações de estudantes agradabilíssimas. Não sempre, às vezes tem azar, pega uma turma terrível, mas estudantes de trato muito gostoso. Foi muito agradável a coisa da graduação. Aliás, uma característica interessante do nosso trabalho que sempre foi muito cultivado e continua sendo: a de que ninguém deixa de se dedicar à formação básica, à graduação. Não é essa coisa de “ah, Fulano vai só fazer pós porque é uma figura iminente”. Não existe isso e isso é extremamente saudável. Porque pegar a energia do pessoal que está chegando é muito importante. Talvez um pouco sentir, também, como vão mudando os perfis e não necessariamente para melhor. Aí eu sou obrigado a reconhecer que, por mais que eu garanta que os cientistas sociais que se vão apresentando na universidade têm qualidades muito apreciáveis, algumas muitíssimo apreciáveis, os estudantes que se apresentam para a graduação sofrem muito com a degradação do Ensino Médio, que é terrível, não é? É realmente terrível. O que se fez nesse país de destruição de um sistema de ensino que era promissor. Eu, no meio dessa formação caótica, peguei ainda escola média, ginásio, público. É uma coisa modelar. E os meus colegas que fizeram a coisa a sério têm relatos fantásticos sobre o que era o professor... A perda disso tem efeitos desastrosos. Agora eu não estou mais acompanhando, mas imagino

que cada vez mais os mestres tenham dificuldades para se orientar no mundo digital. Um mundo maluco em que ficou rotina para um professor, que recebe um trabalho de aproveitamento escrito por um estudante, ir ao *Google* para saber se aquele negócio foi de fato feito pelo próprio estudante.

H.B. – Eles fazem isso em tempo real. Eles fazem isso em sala.

G.C. – Quem? Os estudantes?

H.B. – Sim. Ajudam muitas vezes a memória. Respondem na hora.

G.C. – Que fantástico. Imagina se você estiver dando aula e alguém disser: “Não, mas o professor Gabriel está aqui. Está dizendo que...”. [risos]

H.B. – Foi assim que me disseram que você estava no *Youtube*.

G.C. – Mas que coisa incrível! Mas essa parte é simpática. [risos] Essa coisa do *Google*, em uma ocasião, um iminente colega nosso, Sérgio Paulo Rouanet... Encontrei com ele em uma livraria e ele falou: “Bom, eu acho que isso só o *Google*. Porque você sabe, Deus existe e se chama *Google* por uma razão simples; é uma entidade que tem a totalidade do conhecimento humano e organiza isso. Então é Deus por definição, não é?” Só que ele foi, é claro, que muito bondoso com o [Deus *Google*]...

H.B. – Quando você estava falando da deterioração do Ensino Público. Esse é um dos efeitos não esperados da democratização. O Ensino Público da sua geração não era público. Quem ia para a escola pública era vinte e cinco por cento, trinta por cento da população. Hoje o que é? Mas isso não justifica nada, estamos mal. De qualquer maneira uma diferença...

G.C. – Mas na escola pública também a deterioração é espantosa. Nós estamos aqui no estado mais rico da Federação e a qualidade de ensino no estado de São Paulo é inferior a grande parte das outras unidades federativas. Isso é espantoso. E para você reverter isso... Você sabe, se você cria uma situação de degradação em uma área nuclear do serviço público é extremamente

difícil reverter, porque todas as forças tendem a se aglutinar contra a isso, não é? Hoje, por coincidência, eu vi, para variar na internet, na página do Simon Schwartzman, umas observações dele bastante interessantes.

H.B. – Sobre o Ensino Médio.

G.C. – Você viu esse negócio também? Ele tem umas coisas muito interessantes para dizer sobre como recuperar e dar mais elasticidade, e ao mesmo tempo ser mais presente e mais incisivo em relação às exigências da sociedade. É interessante o artigo dele. Agora, ele é o primeiro a dizer: “É muitíssimo difícil”. Porque você teria que praticamente *zerar* e recomeçar, o que é totalmente impossível, não é? Me lembro de um colega nosso que era consultor jurídico da reitoria da USP. Aí o reitor – isso é uma historieta, mas é muito plausível – chama o cidadão e: “Escuta, esse curso aí é um problema. Como é possível acabar com o curso?”. A resposta: “Olha, a única maneira de fazer isso é com revolução social”. [risos]. Não há como. Você criou uma instituição, você não liquida mais. E se você criou um padrão e o padrão está aí... Não estou dizendo que o mundo acabou. Claro que você tem formas, talvez, de acelerar a renovação. A Universidade Federal, *creio* eu – eu estou dizendo um palpite, um minúsculo conhecimento – melhorou consideravelmente com a expansão propiciada por medidas recentes que levou a entrada de jovens com boa formação e alta motivação no lugar de muitos velhos mestres que estavam totalmente jogados. Então, eventualmente, mecanismos desse tipo podem fazer um efeito. Agora, a presença quase que compulsiva dos meios digitais, do *online*, ajudam em alguns momentos, mas é complicado, é bem complicado. A referência ao professor é uma das tragédias. O professor não é mais um membro respeitado da comunidade, não é? Isso é complicado.

A.C. - Precisávamos te ouvir falar da sua obra acerca do Max Weber, que é uma referência muito importante. Já nos falou do trabalho sobre petróleo, sobre a comunicação e depois houve uma fase em que o senhor produziu obras que me parecem muito importantes sobre o Max Weber. O que é que você gostaria de nos contar sobre isso? O que lhe motivou, os temas de impacto...

G.C. – Eu quase diria que há um componentezinho aí, daquele demoniozinho que fica o tempo todo me incentivando a ir contra a corrente. Quando comecei a me interessar por Weber, eu acabei, não só pela impressão avassaladora da obra desse homem, mas também naquele período o Weber era extremamente malvisto... O sujeito que mexia com Weber estava à direita de Genghis Khan, não é? Era uma coisa complicada. Marx era mais, não sei se tão mais, familiar. Durkheim virou área dos antropólogos, não é? Eles tomaram conta do Durkheim, levaram embora. Isso falando dos famosos três porquinhos, que felizmente agora são quatro: entrou o Simmel. Ainda bem, porque esse é uma grande figura. O fascínio de Weber nem é tanto no começo, talvez até hoje, da importância da obra ou dos temas. Nunca me interessei especialmente por Sociologia da Religião, por exemplo. A coisa da religião eu tenho uma, eu quase diria, aversão. Curioso dizer isso, mas enfim. Não era simplesmente isso, embora o impacto dele seja imenso. Primeiro ele próprio é uma figura extremamente instigante: foco nos problemas, a concepção sempre também contra a corrente que caracterizou a vida desse homem, ele sempre estava no lado onde as pessoas sábias não estariam, ele sempre se colocava nas posições mais difíceis e esse tenaz e heroico esforço para encarar o que ele chamava “O semblante severo da época”. Essa coisa meio heroica acabou fazendo essa concepção do mundo que o torna nem sempre especialmente simpático, mas em alguns pontos, eu quase diria, mais admirável do que o quase amigo dele Simmel – pelo qual tenho enorme admiração –, mas Simmel tinha alguma coisa de sinuoso, alguma coisa de não bater de frente, às vezes beirando uma concepção, eu diria – para usar um termo dele próprio –, blasé. Ele sabia do que estava falando. E o Weber não. E a contraparte possível à Marx. Então, não havia como deixar isso totalmente de lado. E depois aquela coisa malvadinha: “Ah, não pode mexer. Então vamos ver”. Eu não poderia imaginar que depois o homem ia virar herói cultural. Virou herói cultural. Só que agora, para azar meu, os desgraçados dos moleques tomaram conta. [risos] Tem gente de primeira linha aí, trabalhando. Quem começou muito isso e eu o considero um cara brilhante foi o Jessé. Jessé tem uma contribuição muito importante. Todo esse pessoal que fez um pouco o trânsito que é relativamente comum... Não é bem trânsito, é uma espécie de conexão intermitente entre Weber e a Teoria Crítica da Sociedade. Aí é bom lembrar o nome da nossa querida Bárbara Freitag, que tem um papel muito forte em uma geração inteira. Está aí, não é? Ninguém segura a Bárbara. Aliás, como o seu companheiro que teve um papel tão importante, e continua tendo, no grande debate cultural, o Rouanet. Esse jogo entre essas duas coisas... No caso do Jessé isso se traduziu diretamente em Weber e Habermas. Habermas é uma espécie de

filho bastardo da Teoria Crítica, mas enfim... Aliás, admirável criatura que conseguiu, nas piores condições da Alemanha, enfrentar o conservantismo horroroso que havia no pós-guerra alemão. É muito fácil agora ficar esnobando o Habermas. Esse homem teve uma coragem cívica durante décadas e décadas que poucos teriam. Ele foi totalmente contra a corrente com muita coragem, com muita dignidade. A gente não tem ideia do que foi o pós-guerra na Alemanha. Era uma atmosfera sufocante, um conservantismo brutal e os ex-nazistas instalados na universidade, em todos os cantos dos dois lados, aliás, da fronteira. Então Weber fascina não só pela eminência intelectual, que é grandiosa, uma cabeça de primeiríssima ordem. Pena que quando escrevia isso, às vezes resultava em uns textos... Vai pegar os textos metodológicos do Weber dá vontade de atirar do primeiro viaduto, porque são difíceis de ler, não é? E a característica da língua alemã que é aquela construção meio latina. Weber às vezes tem uma página inteira em que você não sabe o que vai acontecer até a última palavra que é um verbo. Antes disso, ele vai intercalando mais uma oração, mais uma oração, mais uma... E você não sabe para onde aquilo vai. Teria que traduzir. Uma tradução de Weber primeiro tinha que ser feita na Alemanha, do alemão para o alemão. Agora virou uma indústria incrível, estão lançando ou já lançaram inteira, não sei, uma nova edição. Faz parte das ironias do nosso mundinho. Atualmente você pega uma *fortuna* colossal se você quiser comprar a obra completa de Karl Marx, não é? Antigamente te traziam em casa, não é? Um solícito militante do partido te traria em casa. [risos] E essa indústria toda também é meio... Fico imaginando vocês que estão dentro da universidade europeia e meio, digamos assim, um pouco no canto da Europa, como vocês conseguem manter uma biblioteca? Nem as universidades ricas estão conseguindo mais. Eu não sei para onde vai esse negócio. Eu tenho uma velha brincadeirinha de que a figura mais importante da ciência do século, sei lá, vamos dizer agora XXI, no futuro, será o correspondente na época ao escriba medieval. Mas não o cara que escreve, e sim o cara que faz *abstract*, que é uma nobre arte. [risos] Você já imaginou? Se você não faz um *abstract* impecável do seu artigo, não tem chance nenhuma. Então, a figura mais importante daqui a pouco, não sei se já se especializaram alguns nisso, mas vai ter: assessoria de *abstracts*. “Sobre o que se escreveu?”. “Ah, sobre hábitos familiares das formigas varejeiras”. Aí ele faz um *abstract* que torna isso absolutamente irresistível, não é? [risos]. “Demonstra-se nesse... Tal e tal e coisa que é uma relação direta entre isso e hábitos urbanos como, por exemplo, o de se deslocar por veículos motores”. Pronto.

H.B. – Mas Gabriel, hoje você não tem mais que ir contra a corrente para seguir na inspiração weberiana. Você acha que ele ainda faz muito sentido?

G.C. – Houve um momento em que eu achei que talvez tivesse soado a hora final dele. Eu cheguei a dar uma vez, na Maria Antônia, um curso com esse título, algumas palestras com esse título. Mas o meu sonho era terminar a minha carreira dando curso de graduação com o título de “Adeus Weber”. [risos] Na realidade, a ideia era pegar por aí, mas retomar tudo, os diversos temas tratados. Não deu por circunstâncias ocasionais, porque eu terminei a minha carreira no cargo de diretor da minha faculdade. Significa que, para os estudantes, eu era mais execrável em um grau espantoso. Espantoso! Quer dizer, entre Pol Pot e eu, o pessoal preferiria, sem dúvida, o velho cambodjiano. Aí não dava porque era para ser uma coisa alegre, festiva, gostosa. Não queria que abrissem faixa lá escrito “Fora Cohn”, como cansei de ver, não é? Então nunca dei esse curso. Mas eu pensei... A reflexão era a mais banal possível: como é que você pode sustentar, no século XXI, um pensamento todo ele estribado na questão do Estado Nacional, que montou o arcabouço da reflexão weberiana? Mas eu acho que fui precipitado. Como diria, eu acho que o Churchill, que a notícia da morte dele era amplamente antecipada, não é? Eu acho que tentei matar o velho guru. Brincadeira. Aliás, se houver algum guru... Não há nenhum, mas se houvesse seria o Adorno. Mas não tem nenhum. Agora, matar o velho Weber antes do tempo... Porque o fato é que ele nos colocou dentro de questões que não estão resolvidas do mundo moderno, além de questões de método e da temática que não estão esgotados, também. Então ele continua vivo e vai continuar, para desespero meu, por um bom tempo ainda, viu? [risos] Agora ele está mais socializado. Naquele momento em eu trabalhei com ele de fato não era habitual, ele estava meio fora. Isso daí se tornou um hábito para mim, estimulado, claro, pelas circunstâncias da faculdade, essa coisa de procurar o que não está sendo tanto discutido. Eu tenho a pretensão, possivelmente um equívoco, de ter contribuído na Ciência Política, no departamento, para o debate da chamada Teoria da Justiça, que não estava sendo muito debatido na época, quando eu entrei lá. Quer dizer, não que as pessoas ignorassem, mas não estava incorporado ao Rawls, Nozick, esses malucos todos, que é um debate que se estendeu enormemente. E tive a sorte enorme de ter um colega mais jovem que está fazendo isso de maneira exemplar, que é o Álvaro de Vita que faz um trabalho belíssimo. Mas, bem ou mal, eu tenho a pretensão de lá ter contribuído para que isso se tornasse, digamos, uma... Mas aí também vem as coisas... É curioso se como vão, digamos, contaminando reciprocamente os

grandes temas objetivos do momento, as questões institucionais e os pequenos demônios que nós carregamos conosco o tempo todo. Weber, a questão da racionalidade que dificilmente um filho de exilados judeus poderia... Mas também não poderia deixar de lado outro lado: justiça. Racionalidade e justiça são temas visceralmente presentes no pensamento dessa grande tradição cultural a qual estou vinculado, que é a tradição judaica – não estou vinculado religiosamente, mas culturalmente. De algum modo você volta a isso e Weber levanta isso com uma força imensa. E a coisa da teoria política normativa da justiça também coloca tudo isso, não é? Então, isso é fascinante. Eu tive sorte possivelmente de ter feito a minha trajetória em um período em que havia condições que permitiam estimular isso, quer dizer, de alguma maneira, associar os demoniozinhos internos às questões do momento e aos influxos institucionais. Eu não sei, no modo como a coisa vem se organizando, em que medida os tais demônios internos não estão sendo, digamos, postos um pouco à margem em proveito de uma organização mais objetivamente dada de temas, de modos de proceder e de oportunidades, não é? Oportunidades até no sentido um pouco mesquinho do termo. “Bom, por onde eu devo entrar agora para garantir um lugar?” Eu fui poupado disso. Eu faço parte de uma geração privilegiada sob muitos aspectos. Eu fui poupado disso.

H.B. – Gabriel, você tem muita relação com isso também e uma parte da entrevista diz respeito a sua participação em organizações científicas. E isso está muito relacionado, inclusive, a essa ampliação, essa especialização, no fundo, que a comunidade científica teve no Brasil, sobretudo depois dos anos 70. Você chegou a presidir a Anpocs, você fez parte – e faz – de comitês de avaliação – CNPq. Você pode nos dizer um pouco dessa sua experiência?

G.C. – Eu acabei passando vários degraus nisso, não é? Quer dizer, a Associação de Sociólogos do Estado de São Paulo, depois a Sociedade Brasileira de Sociologia e acabei desembocando na Anpocs, de uma maneira meio esquisita, mas acabei virando presidente da Anpocs. Foi esquisita no sentido de que eu não estava ali colocado como um candidato e virei... Sabe aquela coisa do sujeito que está passando distraído e o pessoal disse: “Isso aqui está muito confuso. Capture Fulano” e *tum*, acabei parando na Anpocs. [risos] Mas valeu, foi interessante e trabalhei com colegas muito bons. Não só o comitê acadêmico era extraordinário, mas... Sem falar da equipe de apoio que é fantástica na Anpocs, mas eu estava junto com o Gildo e o Marcelo Ridenti. E a gente tinha, assim, na ocasião... Embora a minha entrada na Anpocs tenha



sido realmente um pouco acidenta, eu, meio sem querer, me beneficieei, se é que isso é benefício, de uma situação de impasse que se criou em uma associação lá e acabei, *pum*, caindo ali no...

H.B. – Acidental.

G.C. – É, acidental. [risos] Quer dizer, não foi um empenho. Mas é claro que é muito bom e honroso. Agora, valeu pelo seguinte: porque havia uma concepção que compartilhávamos, eu, Gildo, e Marcelo também, Marcelo Ridenti. Possivelmente, para os ouvidos cariocas de Helena, vai parecer meio desagradável, mas a gente achava que a Anpocs estava demasiado oligárquica e que a Anpocs estava muito centrada nas áreas de excelência, um pouco despreocupada com o que se fazia por aí pelo resto do mundo. Então, fazer um esforço para fazer isso respirar mais, abrir mais. E foi feito um esforço nesse sentido, havia plena convergência entre eu e Gildo, trabalhamos muito bem juntos nisso. E acabou, depois, seguindo seu caminho. Não é que a gente tinha descoberto a pólvora, mas não foi em vão, digamos. A SBS foi interessante, porque a SBS tinha parado durante um quarto de século. Ela havia sido criada lá nos anos 50, em 62 fez o seu segundo congresso e depois ficou desativada durante 25 anos. Só em 87 voltou a ter um congresso – não por grandes méritos meus, quem trabalhou para burro nisso foi nossa querida Figueiredo, da UnB.

H.B. – Vilma.

G.C. – Vilma, claro! Ela e a equipe. Quer dizer, eu ficava dizendo: “Mas que bom, meninos, continuem”. Porque a secretaria é fundamental nessas entidades. Eu costumo brincar que a Anpocs é a última entidade stalinista e priísta. Stalinista porque é o secretário que manda, é uma associação secretarial – o presidente é, assim, uma figura de representação que você exhibe, mas quem manda é o secretário. E também tem muito a ver com o PRI, porque você só sabe quem é o presidente quando há o destape, quer dizer, na assembleia tira-se o nome: “É esse”. Daí todo mundo aplaude. Estou caricaturando, mas não é muito longe disso, não. Não sei agora, mas não era muito longe disso. Mas de modo geral, pelo menos na nossa área, o secretário é muito importante. Então, a Vilma carregava um peso *forte*. Agora, foi muito importante a gente ter reativado. Foi meio maluco o processo pelo qual se reativou, porque foi em uma reunião da

SBPC em 85, eu acho, em que essa coisa se gestou. Eu também não era, assim, a figura para estar lá. Eu próprio estava empenhado, mestres nossos, mas não deu certo. Eles pularam fora em meio, assim, ao processo de exclusão... Sabe? Vai rapando, rapando. Sobrou lá o Gabriel. Mas valeu a experiência. Entre outras coisas divertidas, porque permitiu dar uma espécie de... Retomar, de uma maneira... Com uma pontinha de irreverência, um tema de Florestan. Em 62, Florestan fez um importante discurso presidencial, ele era o presidente, sobre a Sociologia como afirmação - que foi publicado, depois, em um livro dele. Aí, em 87, vai o Gabriel lá e faz o seu discurso no congresso com o tema: A Sociologia como interrogação. [risos] Falei um pouco sobre as mudanças que tinham havido... Quer dizer, aquela coisa... A confiança na ciência que o Florestan tinha, que era inabalável, 25 anos depois você tinha que lutar contra a erosão da internacionalidade científica. Pobre Florestan, viu? Imagino como ele deve ter reagido quando viu isso, pensou: “Lutei tanto, para ver essa coisa cair nas mãos de criaturas como essa”. [riso] Mas agora ela está firme. A SBS tem uma atividade muito importante, inclusive os livros que edita depois dos congressos, são muito interessantes. O que é uma espécie de proliferação de entidades representativas. Quer dizer, você tem a essa altura... Cada uma das grandes áreas das Ciências Sociais tem a sua entidade própria e você tem a Anpocs como uma espécie de coroamento. Já não diria que tenha muito a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, porque ela acabou ficando menos em evidência do que na época mais difícil quando era o bastião único da ciência, das liberdades. A SBPC teve um papel fundamental no Regime Militar, não é? Mas, agora, certamente há, entre os que estão trabalhando na área, um pouco de preocupação com o risco de uma certa, sei lá, diluição ou repetição ou coisa do gênero. Muita gente vai para SBS, vai para Ciência Política ou vai para ABA, depois vai para Anpocs. É muita carga. Porque nas áreas duras da ciência, você tem as especialidades que são altamente... Aí realmente é cada um por si. Quer dizer, quem faz física do estado sólido discute entre si, quem faz Cosmologia ou Gravitação faz outra coisa. Então eles têm lá seus nichos. Os nichos nas Sociais não são *tão* metidos assim. Talvez na Antropologia, a Antropologia criou uma linguagem própria... A etnologia, não é? O resto virou Sociologia.

H.B. – Com essa experiência tão grande sua nessas associações, essa é uma pergunta que a gente sempre gosta de ouvir, você tem uma noção já bastante larga de como as Ciências Sociais

no Brasil estão acontecendo. Se você tivesse que dizer como se forma hoje, o que você vê como desafio ou como avanço? Como você vê as Ciências Sociais hoje, no Brasil?

G.C. – Puxa vida, hein?! Eu vou tentar enfrentar a sua questão, mas eu não estou tão próximo assim. Nesse momento, até estou – após alguns anos de aposentado – mais próximo, porque eu estou vinculado a uma escola em formação que é a da Unifesp aqui em São Paulo, mais exatamente em Guarulhos. Então é um diálogo interessante, porque eles estão constituindo aquilo. Mas a Unifesp é uma universidade que resultou de uma importante escola de Medicina, a Escola Paulista de Medicina, que se ampliou constituindo a Universidade e entrou também nas diversas outras áreas. Agora, como nós devemos pensar... O que se pode esperar das Ciências Sociais nesse...? Porque tudo sugere que é um momento ter expectativas muito fortes em relação às Ciências Sociais que já passaram até pelo poder, então, nada mal, nhein? Puxa, agora você me pegou...

H.B. – Eu diria que estão passando.

G.C. – Estão ainda?

H.B. – Ou como se formar cientista social hoje? Como você veria os cursos de graduação? Se você está pensando nisso agora.

[FINAL DO ARQUIVO II]

G.C. – [...] íamos ter uma aula de Sociologia, introdução. Aí entra um rapaz, bastante desinibido, vai lá na frente e começa a dizer: “Olha, vou dizer umas coisas para vocês: se vocês entraram aqui pensando que iam aprender a fazer militância política, desistam. Vocês não vão aprender nada que tenha alguma coisa a ver com a boa militância política. Se vocês entraram aqui para conseguir um emprego aí for, desistam. Nada do que vocês vão aprender aqui tem nada a ver com o que se faz lá fora”. Aí eu, com aquela argúcia que sempre me caracterizou, virei para o colega ao lado e falei: “Fica frio. É um veterano que está fazendo trote com a gente”. E pronto, ficamos tranquilos. Depois descobrimos que não era veterano coisa nenhuma, era nosso professor sim, nada menos do que o grande Fernando Henrique Cardoso, que estava dando o seu recado inicial lá para turma e fazendo um pouco de charme também, claro. [risos],

mas a minha temível argúcia não era tão grande assim como eu imagina. Agora, ele podia fazer isso, porque, provavelmente, todo mundo ali dentro achava que sim, que alguma coisa ia sobrar, que ia aprimorar, sim, a militância e com razão achava que aquilo que ia receber lá dentro ia ajudar no mercado de trabalho. Olha, atualmente a questão da militância não passa por aí. Eu nem sei que bicho que é essa militância. Mas enfim, depois que tudo é movimento e tudo é rede. Enfim, talvez não seja esse o caminho de uma formação acadêmica. A questão profissional é mais dura agora do que antes por causa do que ainda há do temível processo de criação de nichos especializados no mercado de trabalho. Quer dizer, jornalismo, publicidade, relações públicas, tudo isso viraram nicho que exigem formação específica e com isso se tirou a principal vantagem. Eu participei durante anos, um pouquinho, digamos, a contragosto, enfim, estava lá – tinha que estar, por dever de ofício – em dois movimentos na área especialmente da Sociologia. Uma era o da regulamentação da profissão. Isso daí foi um drama para nós porque a gente sabia que tinha que tinha regulamentar, porque senão nós seríamos totalmente devorados. Mas que, ao regulamentar, nós estávamos fechando a arapuca, fechando a gaiola que se havia implantado. Era um dilema. Se pudéssemos, não só eu, mas outros que estiveram... – alguns não, alguns totalmente convictos, esses tipos totalmente corporativos sempre foram convictos. Mas outros não tão corporativos tiveram uma angustia enorme. Participei disso, enfim. Não por mérito meu, mas foi feito lá no tal congresso em 87, a gente colocou isso nas questões debatidas e no documento final... Não, não era bem isso, não era a regulamentação. O que se colocou era outro negócio que eu confesso até hoje – isso é complicado – que me faz muito mal. Não é a regulamentação, é a Sociologia no Ensino Médio.

H.B. – Obrigatoriedade da Sociologia no Ensino Médio.

G.C. – É, eu participei desse esforço. Isso daí foi colocado já em 87. Aqui em São Paulo a Associação dos Sociólogos lutava muito por isso, tem até propostas por escrito de que programa poderíamos ter. Tem até um programa utópico que até hoje me fascina, mas nós não formamos gente capaz de fazer isso. Eu tenho o velho sonho de que se você pudesse ter a Sociologia no Ensino Médio... Claro, é um vínculo com as grandes questões do dia, perfeito, mas o problema é sempre cair no jornalismo barato. Agora, se você pudesse ter uma Sociologia que fosse capaz de estabelecer os vínculos entre as diversas outras áreas que a meninada aprende; mostrar para eles que a Teoria das Probabilidades tinha alguma coisa a ver com o

século XVII francês. O que estava acontecendo para estimular o seu Pascal e companhia a pensar essas questões? O que estava acontecendo para estimular não diretamente o seu Newton, mas também ele, a pensar questões básicas relativas a você ter previsões sobre os movimentos dos planetas, as marés? O que tem a ver a instalação de um novo ramo do conhecimento ou a expansão, a Química, no século XIX e XX? E a literatura?

H.B. – As condições de emergência da ciência.

G.C. – É, e os vínculos com a História do momento, a História Social da Ciência, trazendo para o presente. E a Literatura nisso. E as artes nisso. Isso é fascinante, mas nós não formamos gente com esse perfil. Nós não formamos. O perfil é muito mais limitado. Essa que é a tragédia da... Se você me perguntar: “qual a grande tragédia da formação em Ciências Sociais?” Talvez a resposta mais imediata que eu daria é que é uma formação em Ciências Sociais. Quando, na realidade, o que a gente gostaria seria ter uma sólida base em Ciências Sociais para transcendê-las. Nós não fazemos esse segundo passo, nós não temos fôlego para isso. Para você criar realmente professores na área mais difícil do ensino que é o Ensino Médio... Porque na pós-graduação é brincadeira. Na pós-graduação eu enfrento um grupo de pessoas já relativamente maduras que vão lá discutir um texto, mas e os moleques no Ensino Médio? E agora, então, que eles vêm aí do rap não sei o quê? Como eu enfrento esse pessoal? Como é que eu posso, de alguma maneira, fazê-los perceber que *alguma* coisa eu posso dizer...? Vocês vão dizer: “Bom, você é um louco, você quer pegar um garoto que tem essa formação cultural doida e quer que ele fique interessado na relação entre o que o matemático fazia e o que o mundo era?”. Eu aposto com vocês que ele fica interessado. Eu *aposto* que ele fica interessado! E de repente ele se interessada por matemática, por que não? Ele não precisa se interessar por Sociologia. Mas que seja um interesse vigoroso, aberto, arejado, generoso que a gente gostaria. E nós não temos como fazer isso. Nós não formamos esse tipo de profissional. Então, eu sou obrigado a transmitir essa minha angústia. É um equívoco! Nós cometemos um equívoco. Nós lutamos por uma coisa que nós não tínhamos como transformar em algo denso e concreto. Vamos dizer, os jovens que estão aí enfrentando... O eles fazem? O que eles são obrigados a fazer? Ou eles fazem um simulacro em formação em Sociologia, o que é grotesco... – aí sim é grotesco: pegar o garoto que está interessado no cantor opositorista Mano Brown e ficar falando de Durkheim para ele é grotesco. Ele dorme. Ou então eu vou ficar discutindo a manchete do jornal. Que

raio de coisa é essa? É preciso de Sociologia para isso? Não tem graça, é um equívoco. E o equívoco consiste, basicamente, em nós termos caído na armadilha de fazer com que a formação em Ciências Sociais seja em Ciências Sociais. Porque nas áreas duras ainda há desculpa, embora haja algumas diferenças até de recrutamento. Quer dizer, eu concebo muito pouca gente com mais abertura de cabeça dos que os físicos. O estudante de Física, um físico é um sujeito *zuuuu*, a cabeça girando a todo vapor o tempo todo. Então eles são abertos, portanto eles podem dedicar boa parte do seu tempo a dominar o pesadíssimo instrumental analítico de que necessitam. Agora, nós ficamos brincando de tornar todo mundo sociólogo, cientista político, antropólogo... Aliás, a legislação brasileira na graduação você sai sociólogo. Não existe outra classificação possível. Ninguém é cientista político de graduação – na Argentina sim, no Brasil não – ou antropólogo. Mas essa ânsia de transcender o que você está fazendo eu acho que não está tão forte como deveria estar. Às vezes me pergunto se a gente não perdeu um pouco essa inquietação, essa coisa fáustica que em algum momento alimentou nossos mestres, que faziam as simpáticas maluquices. [risos] Eu pego a minha mestra Maria Isaura Pereira de Queiroz, ela escreve um livro com um título espantoso *O Messianismo no Brasil e no Mundo*. Esse pessoal abarcava o mundo com uma facilidade, não é? Aliás, ela criou o mais divertido centro de pesquisa que a história registra, chama-se Centro de Estudos Rurais e Urbanos. Não sobrou nada para os outros. [risos] Não sobrou absolutamente nada. Acabou. Tomou conta. Então era uma coisa... Essa ânsia, essa coisa de ir além que tem um pouco a ver com aquele momento; era para uns um momento de revolução, para outros de desenvolvimento. Mas se tratava sempre de ir além, de diferenciar. Agora você tem um momento defensivo da história. Eu cansei de falar para os meus estudantes: “Lembrem-se que vocês vivem em um período de restauração. Vocês vivem hoje em um período semelhante ao de um jovem que estivesse fazendo universidade em 1817 ou 18 – depois de 1815, depois da queda de Napoleão, depois do empurrão contra a Revolução Francesa, etc. e tal. Vocês vivem um momento que, por exemplo, se quer lembrar que um dia houve a Revolução Soviética é espantoso. Mas, em 1820, se quer lembrar na Europa que houve em algum momento da Revolução Francesa era tornar o sujeito suspeito de lesa-majestade. Então é um momento de restauração. Nós ainda estamos... Isso não convida ao fáustico. E a Ciências Sociais se recente muito disso e fica muitas vezes reagindo ao estímulo de uma concepção mais técnica, mais de consultoria.

M.G. – O senhor que foi também consultor e implicado nas várias agências políticas de apoio à ciência e pesquisa, sente que essas agências e essas instituições têm algum papel a fazer, algum contributo a dar?

G.C. – Eu acho que o que elas têm a dar elas estão dando exemplarmente. Elas têm efetivamente aberto às condições para que se expanda a pesquisa. Elas não têm restringido... As restrições não são das agências e não são dos famosos burocratas. Os problemas do funcionamento das grandes agências na área da política científica são da famosa comunidade, são os nossos pares; são eles que ultranormalizam, são eles que se engalfinham, são eles que disputam ferozmente recursos.

H.B. – Estão nos comitês...

G.C. – Estão nos comitês... Os comitês são sempre um problema, porque os comitês tendem a ser povoados por uma população pequena que se desloca com certa senilidade. Figuras brilhantes, mas ao mesmo tempo, isso cria vícios, cria vícios muito fortes. Os problemas, digamos, do andamento da política científica tem a ver com os cientistas. As agências fizeram e têm feito um trabalho modelar. É impressionante o que se fez. O que se fez nesse país, a começar pelo CNPq e também pela Capes, que era uma agência de aperfeiçoamento do pessoal do Ensino Superior, é uma agência de aperfeiçoamento de professores. Mas o CNPq é uma coisa espantosa e se abriu. O pessoal de Humanas costuma chorar: “Ih, nós somos os coitadinhos, temos poucos recursos, etc e tal”. Na realidade, abriu-se muito espaço para as Humanas. Eu, pelo menos, tenho essa impressão. Lembrando um pouco, se me permite – mais um dos parênteses -, o velho mestre Aziz Simão contando uma conversa dele com um parente ou amigo fazendeiro e o tal sujeito falando: “É terrível, a situação é catastrófica. Eu não sei mais o que vou poder fazer. Não é possível isso. E o governo...”. E ele diz: “Mas escuta, cada vez você compra mais fazenda. Cada vez você tem mais gado”. E o outro dizendo: “Mas você já viu algum fazendeiro que não fique chorando?”. [risos] A gente tem que chorar também, claro, senão não dá. Quem está em cargos de representação então é uma verdadeira carpideira dizendo o tempo todo que está morrendo à míngua, etc e tal. Agora, a pesquisa nas Humanas é muita barata, incrivelmente barata. Às vezes, acontecem coisas espantosas; a coisa americana de que um programa de pesquisa que se fazia aí há anos que é de, como se chama isso? De

organização de tempo das pessoas, enfim, não me lembro exatamente do termo, mas era um tema importante. Como as pessoas distribuem seu tempo? Isso são *servers* continuados, etc e tal. Isso custava uma porcariazinha. Foi interrompido porque era considerado caro, mas custa menos do que, sei lá, meia hora de uso de um acelerador de partículas. Aliás, se você fizer essas comparações, aí sim você tem que chorar. Porque não é só a questão da instalação de equipamento. Não estou falando dos quatorze milhões de dólares que você joga para fazer... Aliás, eu sou totalmente a favor que se faça, como nós todos certamente somos. O que eu não quero é que se gaste dois bilhões para construir um bombardeio que escape ao radar, que é por aí. A comparação de custos é espantosamente desfavorável... Eu não sei se desfavorável. O fato é que as outras áreas podem se permitir tolerar as Humanas, porque são os que consomem o resto do farelo. [risos] Agora, consome, vive, se expandiu. Nós temos uma forte comunidade científica na área de Humanas, influente e eu digo mais: respeitada. Respeitada. Nisso a Anpocs foi importante, nisso as diversas entidades foram importantes. O pessoal se fez ouvir. Quer dizer, aquela coisa de que: “Ah esse pessoal só fala fantasias. Não vale a pena”. Não é bem mais o caso, não é mesmo. Há um tempo atrás, eu acho que em uma reunião da Anpocs, o presidente da Capes dizia: “Não, atualmente eu tenho que reconhecer que a Sociologia é uma ciência madura”. Isso dito por um que vem da área médica é impressionante. Eu pessoalmente, se vocês quiserem saber, não estou ligando a mínima para esse negócio de ciência madura, ciência não sei o quê. [risos] Nem acho que seja tão importante que sejam ciência *stricto sensu*. Agora, isso eu falo aqui agora porque eu estou na confortável situação de um irresponsável aposentado, não é? O pessoal que discute as questões por dentro não pode falar isso ou nem sentem isso. Isso não é assim tão difundido. Agora, eu manteria essa coisa: se eu tentasse refletir mais sobre o que se pode se esperar das Ciências Sociais para *além* daquelas coisas a gente inevitavelmente pensa nessas horas: estar sintonizado com seu tempo, saber formular com clareza os problemas. Isso é fundamental. Espera-se que as Ciências Sociais sejam capazes de formular com clareza os problemas que estão aí presentes na sociedade e eles têm condições institucionais até para levar isso às instâncias de poder relevantes, sabendo, é claro, que isso será depois engavetado, mas enfim, saber poder fazer isso, isso é uma exigência mínima. Agora, no que diz respeito a formação, no que diz respeito ao contado com os jovens e ao contato com aqueles que irão formar novos jovens, essa ânsia de transcender a mera Ciência Social, de ir mais longe, de se abrir de uma maneira mais forte aos diversos saberes e ao mundo sem cair nas armadilhas da interdisciplinaridade da qual se tanto fala – que na realidade é



conversa, a interdisciplinaridade resulta da ponta das ciências que convergem pela sua dinâmica interna a todo momento. Não adianta ficar falando que eu me reúno com um cara da Psicologia e nós ficamos estudando mais ou menos aquilo que o antropólogo Ralph Linton em um livro super usado em que ele conta que uma universidade americana resolveu fazer uma comparação entre o tempo que levavam os ratinhos de laboratório para percorrer o labirinto lá para ir ao queijinho e o tempo que os estudantes de segundo ano da faculdade levavam para fazer esse caminho e a diferença foi menor do que se esperava em tempo, a favor dos ratos. [risos] Mas a equipe que fez isso seria chamada agora de interdisciplinar, não é? Isso tudo é uma maluquice. O meu grande guru Adorno tinha um lema que é absolutamente fundamental: continuar pensando. Quando o outro para, você tem que continuar. É o que eu chamo da persistente tartaruga em relação a ágil, mas limitada, lebre. Isso é fundamental. Se pudéssemos ensinar os jovens e os profissionais na área que essa é a coisa decisiva e a crítica consiste nisso, a capacidade crítica que, às vezes, o pessoal confunde com rejeição, não é? A capacidade crítica é isso: você conhecer seus limites e discernir formas de transcendê-los, e na área do pensamento, como, por exemplo, em um debate com o Popper e o próprio Adorno tentaram demonstrar, não esmoreça, continue pensando. Não abra mão disso. Nada de resignação. Ao contrário do que se dizia para ele lá. [risos] Um cara como o Weber, com toda a sua enorme dignidade pessoal e intelectual, seria mais capaz de estabelecer os limites: “Aqui nós chegamos ao nosso limite”. É uma coisa luterana dele, sei lá. “Aqui é o limite, depois disso, não me perguntem mais”. Um outro que era um chato fundamentalmente: “Não, sem conversa. Eu vou ficar batendo nessa parede quantas vezes for necessário”. A famosa imagem da mosca dentro da garrafa, a mosquinha weberiana diria: “Está vendo? Eu não falei que vocês iam construir uma garrafa que a gente não ia conseguir sair?”, e a outra ficaria batendo *tum* e *tume* pensando: “Que bom seria se eu pudesse, nessa garrafa, colocar uma mensagem e jogar no mar”. É a bela imagem que o Adorno usava: a gente pode jogar mensagens nas garrafas e alguém, em algum momento, vai pegar. Não importa quem e quando, mas eu tenho que fazer isso; continuar pensando, transcender o momento e não ficar escravo do momento presente, da resposta pronta, que no fundo é reativa. Essa coisa insurreta da Sociologia, das Ciências Sociais, nós não podemos deixar isso esmorecer. Não podemos deixar, sob nenhum pretexto, senão poderemos bons técnicos. É bom ser. Às vezes a gente fala essas coisas e as pessoas pensam que é desconfiança em relação ao rigor da ciência. Nada mais rigoroso do que o esforço para continuar pensando. Não é fazer fantasia. É agarrar como um cachorrinho o problema e seguir

do melhor modo possível. Não sei isso está sendo feito. Eu sinto falta, e acho que deveria ser colocado o tempo todo, de uma maneira até antipática, viu? Uma vez eu escrevi um artigo no jornal, na época que eu estava na presidência da SBS, eu acho que era a questão até do ensino, eu não me lembro, que pegava esse lema. O título era: *A Sociologia está morta*. Mas é claro que vinha *Viva a Sociologia* para mostrar que não estava morta, que tinha coisas a fazer, coisas a dizer, etc e tal. Porque, se morrer eu sei quem é o assassino, não é o mordomo, é o sociólogo. Não é o burocrata, não é o militar, não é o ministro, é o sociólogo. Esse pode, sim, fazer perder a... E um pouco o pessoal tem uma percepção meio difusa disso quando valoriza o retorno aos clássicos, porque todos eles tinham essa chama.

A.C. – É uma boa oportunidade para fazer uma pergunta que fazemos a todos os nossos entrevistados. Qual é a obra fundamental, o livro que gostaria...?

G.C. – Levar para uma ilha deserta? [risos]

A.C. – Levar para uma ilha deserta ou recomendar-nos.

H.B. – Ou que tenha te inspirado, na sua...

G.C. – [Silêncio] É, a gente sempre... Eu vi na minha cabeça uma obra que nem é de Sociologia *stricto sensu*.

H.B. – Não tem problema.

G.C. – E que não é do início, mas que é da fase mediana para frente e que eu acabei depois retraduzindo, fazendo uma nova edição, que é o livro do Adorno, *Mínima Moralia*, que são os aforismos sobre a vida prejudicada, mas eu acho que é forçar um pouco a barra, talvez haja outro mais... Livro mais marcante que você quer saber, não é?

A.C. – Sim.

H.B. – Para você.

G.C. – Para mim... Tem que pegar uma coisa que fosse mais remota. Não foi nenhum dos clássicos das Ciências Sociais, não. [Silêncio] Eu vou cometer uma... É forçado o que eu vou responder, é ruim, não é uma coisa... Mas eu vou me arriscar. Se eu pegar a fase inicial da formação, em que eu era... – eu entrei jejuno, hein? Eu estava a dois passos do analfabetismo funcional – mas na fase inicial da formação provavelmente o que estimulou, o que inquietou eram exatamente os escritos da Rosa Luxemburgo e na outra fase, na fase declinante, digamos, as reflexões adornianas. No meio do caminho tudo isso, os nossos mestres, etc e tal. Mas essa coisa. Agora, vejam só que queda no abismo: de Rosa Luxemburgo à Adorno. Aliás, queda no abismo, vocês têm paciência para mais uma historinha? Uma coisa que é rigorosamente verdade. Estou eu lendo uns trabalhos de aproveitamento de um pessoal da graduação, muitos anos atrás. Aí, no meio do caminho, um estudante escreve: “Passarei agora a discutir o conceito de ideologia com base em dois autores: Mao Tse-Tung e Gabriel Cohn”. [risos] Não é possível. E o pior é que era sério, o pior que ele estava falando sério. Mao Tse Tung... Meu Deus do céu! E na época o Mao... Agora o pessoal diria... Mas isso é muito divertido, parece montanha russa. [risos] Agora, seria uma injustiça dizer que há uma queda no abismo. Mas politicamente muitos me diriam: “Puxa, você poderia ter sido um pouco mais fiel à companheira Rosa, não é?”. [risos]

A.C. – Também é obrigatório no nosso roteiro, afinal é um projeto sobre cientistas sociais em países de língua portuguesa... Gostaríamos de perguntar qual a sua relação com cientistas sociais de outros países? Ou o que acha desse espaço de atuação?

G.C. – É ruim. Não, eu sou muito recluso. Bom, uma coisa que passa por todos nós é a *Revista Crítica de Ciências Sociais*, que permite ter alguma ideia do que se faz, pelo menos, em um certo centro cultural. Mas é muito ao redor de Boaventura, eu imagino – uma coisa, eu confesso, me parece tornar insuficiente esse... Porque é muito em torno de uma personalidade, não é? Claro que eu já falei de Hermínio, Hermínio Martins é uma figura que não dá para esquecer, assim como o... puxa... [inaudível]

H.B. – Mas uma interlocução assim...?

G.C. – Não, uma interlocução forte eu não tenho. Mas aí também é uma coisa minha. Eu sou muito recluso. Mas não é muito forte não. Porque se tem feito certamente coisas muitíssimo interessantes. Não, eu falei da revista... Tem a outra revista... Como é? *Sociologia, Problemas e Práticas*, que é muitíssimo interessante. Agora, tem as escolas... Por incrível que pareça... Talvez seja por inclinação minha, mas o que talvez tenha mais ressonância em áreas nossas aqui seja a Filosofia mais do que a Ciências Sociais, portuguesa. Tem um pessoal muito interessante que a gente acaba tendo contato, ocasionalmente, por publicação e aí funciona a net, a internet funciona incrivelmente. Algumas figuras lá ficaram meio notórias, o Fernando Gil. Eu tenho espiado coisas, eu não saberia agora fazer as referências, de gente que margeia a Filosofia nas transformações humanas, são altamente sofisticadas. Aliás, uma coisa impressionante em Portugal... Portugal tem uma coisa curiosíssima por causa da imigração para o Brasil. Como os imigrantes, com muita frequência, eram camponeses muito rústicos de lá dos cafundões, criou-se a imagem do português como uma figura meio rústica, quando o nível de sofisticação é impressionante. Sem falar da famosa gentileza. Até hoje eu guardo a imagem de eu estudante entrando em uma livraria portuguesa, uma pequena livraria que tinha ali perto da Maria Antônia, e pergunto para o homem lá: “O senhor tem tal livro?”. Ele me responde: “Não tenho, mas se me fizer a gentileza de esperar, eu posso obter”. Isso me marcou o resto da vida. Que coisa incrível, o homem me pergunta se eu teria a *gentileza* de esperar. Não é uma coisa espantosa? É uma coisa muito gostosa, muito agradável. Eu que... A ressonância alemã, no caso, imagina um alemão dizendo isso? “Você tem...”. “*Nein*” e acabou, fim de papo, não tem mais conversa.

M.G. – Voltando a essa sua referência às revistas que você conhece de Portugal, você falou da *Revista de Ciências Sociais* e a *Sociologia, Problemas e Práticas*, que nós dirigimos e ficamos satisfeitos por essa menção. [risos] Mas sabemos e vimos no seu currículo que também tem sido editor da *Lua Nova*...

G.C. – Ah sim, por longo tempo.

M.G. – Então eu pergunto, o que pensa que também nessa evolução e nessa trajetória das revistas científicas em Ciências Sociais, o que tem sido o seu papel ou como está em transformação? Tem alguma reflexão sobre isso?

G.C. – Atualmente nós estamos vivendo um processo de ampliação do leque de publicações e algumas delas de notável qualidade. Aquela revista nova que o pessoal da UFRJ está fazendo no Rio.

H.B. – *Sociologia & Antropologia*.

G.C. – Puxa! Uma revista... E as publicações dos grandes centros, para começar, e as publicações das entidades. Agora saiu o primeiro número da *Revista Brasileira de Sociologia*, da SBS, e há um estímulo – aí, no caso, talvez um pouco artificial no sentido de que os programas de pós-graduação tenham sua publicação própria, talvez seja um pouco... Embora eu, pessoalmente, ache que... Eu não gosto dessa coisa da classificação das revistas porque isso distrai a atenção de coisas interessantíssimas que se publicam nas revistas que não tenham aquela Qualis não sei das quantas e, no entanto, são interessantíssimas. Agora, há uma expansão. Pessoalmente sou favorável, acho que deve haver sim muitos veículos. Essa coisa “ah, ninguém vai ler”, é ruim isso. Alguém vai ler. Se me permite um parêntese nisso: uma vez uma biblioteca lá na minha escola pediu que fosse feita uma listagem de revistas que poderiam ser interrompidas porque não havia recursos, revistas estrangeiras. Aí eu pedi que interrompessem duas importantes revistas de sociologia alemãs. Aí um colega – aliás, português, o professor João Paulo Monteiro, que é filósofo – soube disso e disse: “Mas porque você fez isso?”. Eu falei: “Pouca gente lê alemão aqui” – naquela época eram realmente poucos, na área de Sociais acho que só eu – “então, eu acho um absurdo pedir à biblioteca...”. “Você é louco, se você lê o que aparece, ou pelo menos acompanha o que está nessa revista, justifica-se a presença da revista na biblioteca. Você não pode agir dessa maneira”. Ele não falou, mas poderia falar: “Você está supondo que as outras sejam avidamente lidas por todo mundo só porque estão em línguas mais acessíveis”. Então, essa coisa de que poucos leem não é bem verdade. Isso pode iluminar uma pesquisa, uma reflexão. Então eu sou totalmente a favor dessa expansão. E as revistas estão de níveis muito interessante. Não é que seja coisa de má qualidade. *Lua Nova*, que vocês citaram é uma revista relativamente atípica porque é uma revista de um centro específico de pesquisa, com um título totalmente inesperado, meio aquariano. Na realidade, o título se deve a que *Lua Nova* é tempo de semear. Mas isso eu fiquei sabendo muito tempo depois. Muita gente achava que era uma revista meio exotérica. É um

momento desse país que está lá, porque ninguém ia chamar uma revista científica de *Lua Nova*, não é? Mas foi uma revista interessante... Continua, aliás, está indo muito bem, em ótimas mãos e representa uma outra vertente, que é uma revista não enquadrada em um ambiente acadêmico muito definido. Embora tenha se restringido muito à área de sociais e política, e se discutido menos cultura do que seu nome sugere, seu título sugere. Valeu a experiência lá. Foram treze anos, na realidade, na *Lua Nova*. Pessoalmente eu incentivaria a publicação em revista. Agora, eu incentivaria muito menos do que é o caso, essa coisa da classificação por qualidade da revista. Isso é terrível porque orienta de maneira artificial a publicação, os sujeitos ficam alucinados para publicar qualquer coisa que seja na revista tal porque dá bastante pontos. Não tem nada que dá ponto. É isso que me deixa doente com a tal institucionalização. Se eu publico uma coisa é porque há uma inquietação intelectual, não é porque vá buscar pontos. Eu sei que o que estou falando aqui para vocês é mais do que óbvio, mas o fato é que está aí isso. Quer dizer, eu incentivaria mais revistas e menos preocupação com dizer de antemão se ela é uma maravilha ou não, porque é uma tolice dizer que porque tal classificação foi feita, necessariamente, o que for levado para lá é o melhor. Pode haver uma coisa esplêndida sendo feito pela revistinha local da federal lá do Acre. Aliás, fazem coisas lindas no Pará, por exemplo, no Amazonas. Temas locais e essa coisa fundamental. O que irrita, é essa maldita coisa das qualificações e das pontuações, isso me deixa completamente *doente*. Fico doente com isso. Quer dizer, substituir a inquietação intelectual pela pontuação da produção, é desesperador. É desesperador! Já que eu falei do Mao antes, estou quase maoísta. Deixem crescer sem flores, porque depois a gente passa, como diria o Mao, passa a foice em todas elas. [risos] Na realidade, deixando de lado a foice, a diversificação... Me desculpe insistir nisso, porque realmente me deixa inquieto. A pior coisa que você pode fazer, a coisa que mais faz mal à inquietação intelectual e ao amadurecimento de uma reflexão/inquietação intelectual é ficar normatizando e pontuando. Isso, a famosa comunidade, teria que se dar conta, porque são de novo os colegas, são os colegas que fazem isso. Que mundo é esse que eu escrevo pensando em quantos pontos eu vou ganhar? Que mundo é esse? E, agora, isso daí eu garanto que está assombrando vocês também, fora do Brasil.

M.G. – Isso e o financiamento, e o apoio para a continuidade destes projetos.

G.C. – Ah sim, isso sim. Das revistas também?

M.G. – Das revistas também.

G.C. – Agora, eu não tenho uma reflexão suficiente...

M.G. – Mas os pontos e as classificações claro que são...

G.C. – Mas vocês têm esse negócio, não é?

M.G. – Temos também

A.C. – Cada vez mais.

M.G. – E a questão sobre publicação em língua portuguesa, somos uma comunidade falante do português relativamente significativa, mas exigem que nossa produção científica seja publicada em revistas em inglês. Em inglês dá mais pontos. [risos]

G.C. – É verdade. Com certeza. Além disso, somos todos vítimas de uma coisa que me deixa absolutamente doente; o equívoco monstruoso que foi essa padronização da língua, não é? Eu considero isso um equívoco *monstruoso*. Você destruiu a diversidade, a saborosa diversidade dos modos de escrever e falar. Agora você vai querer fazer disso uma... Já fizeram, não é? Aliás, parece que em Portugal você pode se negar, não é?

H.B. – O Miguel de Sousa Tavares se negou. Publica no Brasil se mantiver a escrita dele...

A.C. – Lá ainda tem como. “Como você quer escrever?”

G.C. – Lá, não é?

H.B. – E aqui também. A condição dele de publicar no Brasil é que se mantenha a língua original. Uma rebeldia boa.

G.C. – Mas isso é uma coisa que alguns podem se permitir. Imagina você fazer isso, você perde ponto, menina. [risos] Agora, isso foi um dos mais espantosos equívocos que eu já vi. O que era para ser uma comunidade diferenciada, você quer padronizar, pasteurizar.

H.B. – Não, e a ilusão de que padronizando na forma você unifica, você aumenta a comunicação.

G.C. – Mas que absurdo. Ao invés de ler factó eu vou ler fato, é isso? É o fundo do poço.

H.B. – Gabriel, muito obrigada.

[FIM DO DEPOIMENTO]